



LILIAN SANTOS DA SILVA FONTANARI

**UM PANTANAL INUNDADO DE MEMÓRIAS:  
Análise das ações e do caráter educativo do Museu de História do Pantanal  
(Muhpan), Corumbá, MS, Brasil**

Porto Alegre

2014



LILIAN SANTOS DA SILVA FONTANARI

**UM PANTANAL INUNDADO DE MEMÓRIAS:**  
**Análise das ações e do caráter educativo do Museu de História do Pantanal**  
**(Muhpan), Corumbá, MS, Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora:** Profa. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor Carlos Alexandre Netto  
Vice-Reitor Rui Vicente Oppermann

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora Ana Maria Mielniczuk de Moura  
Vice Diretor André Iribure Rodrigues

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe Maria do Rocio Fontoura Teixeira  
Chefe Substituto Valdir Jose Morigi

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA**

Coordenadora Ana Carolina Gelmini de Faria  
Coordenadora Substituta Jeniffer Alves Cuty

---

CIP - Catalogação na Publicação

FONTANARI, Lilian Santos da Silva  
UM PANTANAL INUNDADO DE MEMÓRIAS: Análise das ações  
e do caráter educativo do Museu de História do  
Pantanal (Muhpan), Corumbá, MS, Brasil / Lilian  
Santos da Silva FONTANARI. -- 2014.  
86 f.

Orientadora: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de  
Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Educação em museus. 2. Educação Patrimonial. 3.  
Ação educativa. 4. MUHPAN. I. Faria, Ana Carolina  
Gelmini de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

**Departamento de Ciências da Informação**

Rua Ramiro Barcelos, 2705  
Bairro Santana  
Porto Alegre - RS  
CEP 90035-007  
Telefone: 51 3308 5067  
E-mail: fabico@ufrgs.br

## **UM PANTANAL INUNDADO DE MEMÓRIAS:**

**Análise das ações e do caráter educativo do Museu de História do Pantanal (Muhpan),**

**Corumbá, MS, Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado pela banca examinadora em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Zita Rosane Possamai - UFRGS

---

Me. Maria Cristina Padilha Leitzke - UFRGS

*Dedico este trabalho àquele que faz  
com que eu sinta o frescor da vida tocar em  
meu rosto, como se eu estivesse em  
um balanço e ao ouvir o som de  
suas cordas encontro inspiração, equilíbrio,  
sustentação e desejo de viver. A você,  
Ivan, fica além do meu  
amor, meu agradecimento por tornar a  
minha vida mais completa e feliz!*

## AGRADECIMENTOS

Um dos momentos mais felizes e emocionantes neste trabalho está nos agradecimentos. Gratidão é o que devo àqueles que foram importantes e contribuíram na minha trajetória dentro e fora da Universidade.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo acolhimento, os amparos essenciais para a sobrevivência de todo estudante e pelas oportunidades de conhecer pessoas e lugares que foram fundamentais durante esses quatro anos de formação.

Às instituições onde realizei meus estágios, Museu Joaquim José Felizardo, Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, Museu Julio de Castilhos e o Instituto de Artes por abrirem suas portas e me oportunizar desenvolver e ampliar os meus conhecimentos que muito contribuiu com a minha formação acadêmica.

À equipe do Muhpan e da Fundação Barbosa Rodrigues, Alexandra, Joilson, Julio, Juliano, Karina, Ketylen, Laura, Marta, Matheus, Natália, Rodrigo e Verônica pela oportunidade de realizar as minhas pesquisas, pelos importantes documentos institucionais que me foram cedidos, pelo acolhimento, interesse, disposição, receptividade, seriedade e parceria.

À Professora Carol Gelmini, minha orientadora, por sua dedicação, seriedade, paciência, generosidade, inspiração e competência. Pelas observações que foram essenciais para o meu trabalho. A você, ficam meus sinceros agradecimentos, admiração e carinho.

À Professora Ana Dalla Zen, pelo apoio, parceria, amizade e ensinamentos. Obrigada por ampliar a minha perspectiva intelectual e cultural e por me mostrar que resistir é sempre melhor do que se entregar aos desafios da vida.

À Professora Zita Possamai, por sua inestimável contribuição ao meu trabalho. Por despertar o meu olhar e interesse pelos estudos sobre memória e fotografia e transformar minha maneira de ver o mundo.

À Maria Cristina Padilha Leitzke, pela atenta leitura do meu trabalho, pelas valiosas sugestões, competência e simpatia.

À Professora Andrea Brächer, por me transmitir sua paixão pela fotografia, pela competência e por me fazer descobrir novos horizontes através das lentes fotográficas.

Aos colegas da Museologia, pelas conversas, vivências, parcerias e divertidos encontros.

Às minhas amigas “musas”: Ana, Aline, Aldryn, Deise, Erô, Isabel e Sibelle, pela parceria, boas risadas, por alegrar os meus dias, pelo ombro amigo, pelos ouvidos sempre atentos, pelos brindes, incentivos e experiências. Sem vocês não seria nada fácil, sem vocês todo final não seria feliz!

À minha tia Sebastiana e minhas primas Luciene e Flavinha, pelas gentilezas, paciência e carinho.

À minha família, meu pai Marcos, minha mãe Elineize, minha irmã Liliane, meu cunhado Dan, minha sogra Eliane e meu esposo Ivan, pelo amparo, paciência, aconchego e dedicação.

*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação  
transvê. É preciso transver o mundo.*

Manoel de Barros



## RESUMO

Este trabalho procura analisar o caráter e a função educativa do Museu de História do Pantanal (Muhpan), Corumbá, Mato Grosso do Sul, tendo como enfoque quatro ações educativas (*visita orientada*, *visita animada*, *museaula* e *Cheia das letras*) em três temáticas expositivas (“Dez Pantanaís”, “Trem do Pantanal” e “Guerra contra o Paraguai”). A investigação, do tipo qualitativa, descritiva, sob a forma de um estudo de caso, apoia-se nos estudos de Educação em Museus realizados por alguns autores, tais como Ulpiano Bezerra de Meneses e Maria Célia Teixeira Moura Santos. Discute os conceitos de Educação, Memória, Identidade, Patrimônio e Educação Patrimonial, buscando relacioná-los com a missão, objetivos e propostas educativas do Museu, utilizando-se de entrevistas, análise documental e observação das ações. Investiga como as ações educativas operam e significam as diferentes memórias e identidades regionais nos discursos expográficos. Avalia como as ações educativas e a expografia se articulam na execução dos projetos propostos pela Instituição. Conclui que as ações educativas nos museus têm grande potencial de torná-los centros de formação crítica.

**Palavras-chave:** Educação em museus. Educação Patrimonial. Ação educativa. Muhpan.

## ABSTRACT

The present report aims to analyze the educational character and function of the Pantanal History Museum (Muhpan - Museu de História do Pantanal), located in Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brazil. It focuses on four educational actions (*guided visits*, *dramatized visits*, *museum-class* and *Flood of Words*) and on three exposition themes (“Ten Pantanals”, “The Train of Pantanal”, and “The War against Paraguai”). The investigation conducted was descriptive and based on qualitative methods, taking the shape of a case study and drawing on studies on education in museums by authors such as Ulpiano Bezerra de Meneses and Maria Celia Teixeira Moura Santos. It discusses the concepts of Education, Memory, Identity, Heritage and Heritage Education, aiming to use these concepts to analyze the Museum's mission, objectives and educational purposes, by utilizing interviews, documental analysis and in site observations. It investigates how educational actions operate and signify different regional memories and identities in expographical discourses. It evaluates how educational actions and expography articulate with each other in the fulfillment of projects achieved by the Museum. It concludes that educational actions in museums have a great potential to make them become centers for visitors' critical formation.

**Key-words:** Education in museums, heritage education, educational action, Pantanal History Museum.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> – Muhpan fachada	29
<b>Imagem 2</b> – Recepção Muhpan	31
<b>Imagem 3</b> – Espaço exposições temporárias	31
<b>Imagem 4</b> – Circuito expositivo. Térreo	31
<b>Imagem 5</b> – Circuito expositivo. 1º andar	32
<b>Imagem 6</b> – Circuito expositivo. 2º andar	32
<b>Imagem 7</b> – Sala Dez pantanais	33
<b>Imagem 8</b> – Cheia das letras	35
<b>Imagem 9</b> – Museaula	36
<b>Imagem 10</b> – Museaula	36
<b>Imagem 11</b> – Visita orientada	36
<b>Imagem 12</b> – Visita orientada	36
<b>Imagem 13</b> – Visita animada	36
<b>Imagem 14</b> – Personagens visita animada	36
<b>Imagem 15</b> – Mapa de localização de Corumbá	40
<b>Imagem 16</b> – Morro Cristo Redentor	41
<b>Imagem 17</b> – Porto de Corumbá	42
<b>Imagem 18</b> – Casarios Porto de Corumbá. Década 1980	43
<b>Imagem 19</b> – Casarios do Porto	43
<b>Imagem 20</b> – Fachada casarão Wanderley Baís & Cia	44
<b>Imagem 21</b> – Imagem aérea Pantanal do Paraguai	47

<b>Imagem 22</b> – Imagem aérea. Pantanal do Paraguai	48
<b>Imagem 23</b> – Sala Dez pantanais	48
<b>Imagem 24</b> – Ação educativa	51
<b>Imagem 25</b> – Tardes literárias	52
<b>Imagem 26</b> – Visita orientada	53
<b>Imagem 27</b> – Visita animada. Revivendo mulheres do Pantanal	54
<b>Imagem 28</b> – Ponte Eurico Gaspar Dutra	55
<b>Imagem 29</b> – Sala Trem do Pantanal	56
<b>Imagem 30</b> – Mapa. Ferrovia Noroeste do Brasil	57
<b>Imagem 31</b> – Sala Trem do Pantanal	57
<b>Imagem 32</b> – Chefe de estação. Visita animada	58
<b>Imagem 33</b> – Vendedora de chipa. Visita animada	59
<b>Imagem 34</b> – Pannel: a retirada da Laguna	60
<b>Imagem 35</b> – Sala Guerra contra o Paraguai	62
<b>Imagem 36</b> – Maquete sala Guerra contra o Paraguai	62
<b>Imagem 37</b> – Visita animada. Confronto entre soldados da guerra	64
<b>Imagem 38</b> – Museaula. Dias Nacional da consciência negra	67
<b>Imagem 39</b> – Oficina viola-de-cocho	70
<b>Imagem 40</b> – Ponto de cultura. Oficina de dança	71
<b>Imagem 41</b> – Materiais educativos Muhpan	72

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PILARES DAS AÇÕES EDUCATIVAS EM MUSEUS: TECENDO RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	Uma proposta de museu: o Muhpan como divulgador da história e da cultura pantaneiras	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>MEMÓRIAS DE UM TERRITÓRIO: IDENTIDADES</b>	<b>40</b>
<b>3.1</b>	“Dez pantanais”: patrimônio natural e cultural do Pantanal	<b>47</b>
<b>3.2</b>	“Trem do Pantanal”: em cada estação, uma história	<b>55</b>
<b>3.3</b>	“Guerra contra o Paraguai”: entre lutas e destroços, salvam-se as memórias	<b>60</b>
<b>3.4</b>	Do caráter à função educativa: uma complexa operação entre sujeitos, conceitos e método	<b>65</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>78</b>
	<b>APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO</b>	<b>81</b>
	<b>APÊNDICE B - CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO</b>	<b>82</b>
	<b>APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, VOZ, NOME E DEMAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS</b>	<b>83</b>
	<b>APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO PARA A COORDENADORA DO SETOR EDUCATIVO E CULTURAL DO MUHPAN</b>	<b>84</b>
	<b>APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCADORES DO MUSEU</b>	<b>85</b>
	<b>ANEXO A - ORGANOGRAMA DO MUHPAN</b>	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas vivências acadêmicas encontramos nossos horizontes. Quando tive a oportunidade de trabalhar como bolsista em um Projeto de Extensão, com a Professora Ana Maria Dalla Zen, no ano de 2012, conheci e vivi, ainda que de maneira tênue, o universo da Museologia na prática. Foi a partir do meu envolvimento com a elaboração e execução dos projetos educativos que avistei cores, provei sabores e percorri os desafiantes caminhos da Educação em Museus. A Museologia fez-me (re)significar e fortalecer minhas raízes culturais. Decidi então que meu trabalho de Conclusão de Curso abordaria este tema, e seu objeto de estudo seria o Museu do Pantanal, localizado na cidade em que eu vi a luz do Sol pela primeira vez.

Assim, este trabalho consiste em um estudo sobre o caráter e a função educativa do Museu de História do Pantanal (Muhpan), localizado na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Corumbá foi um dos pólos fluviais mais importantes do País no final do século XIX e parte do século XX; situando-se também no Pantanal, foi considerado, no ano 2000, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera.

O presente trabalho parte do seguinte pressuposto: o caráter educativo dos museus está presente em todo o espaço e fazer museal, influencia e é influenciado pela missão, objetivos, estrutura organizacional, práticas museográficas e, especialmente, a narrativa expográfica. Tendo conhecimento de que, no Muhpan, as ações educativas planejadas para o público têm como principal interface as salas expositivas, as atividades executadas em três temáticas expositivas do Museu serão foco da investigação - circuitos intitulados “Dez pantanais”, “Trem do Pantanal” e “Guerra contra o Paraguai” -, uma vez que estas exposições são alguns dos elementos possíveis para identificarmos a dimensão e função educativa do Museu.

A partir do tema proposto, percebi que as ações educativas e as exposições em que essas ocorrem carregam narrativas bastante significativas sobre a história local e regional. Com isso, outros elementos tornam-se peças chave para o exercício investigativo proposto: identidade e memória regional. Sendo os museus instrumentos de atribuições de sentidos e interação social, propus-me a compreender de que forma as ações educativas desenvolvidas nos espaços expográficos do Muhpan operam elementos construtivos das memórias e os processos decorrentes da construção das identidades regionais.

O Museu contém uma exposição de longa duração que é dividida em vinte e dois temas, mas a Instituição sinaliza que os circuitos a serem investigados neste trabalho abordam temas históricos, sociais e culturais que marcaram o desenvolvimento da região do Pantanal. As ações desenvolvidas pelo Muhpan são respaldadas pela metodologia da Educação Patrimonial e caracterizam-se como estratégias para a promoção da inclusão social, encontros culturais, preservação e valorização do patrimônio, e fortalecimento da identidade, além de troca de experiências. Denominam as ações voltadas à educação e ao lazer, como: *visitas orientadas*, *visitas animadas*, *museaulas*, *Cheia das letras*, *Sessão corumbella*, *Semana republicana no Muhpan* e *oficinas lúdicas*. Dentre estas, as quatro primeiras serão analisadas neste estudo, uma vez que ocorrem nas três temáticas expositivas que exploram os temas principais do Museu, sendo, portanto, as mais investidas pelo Setor Educativo.

Assim, este trabalho se propõe a responder as seguintes indagações: é possível identificar o caráter educativo do Muhpan? As ações educativas operam com quais memórias regionais? A interlocução entre práticas educativas e salas expositivas reforçam ou provocam diferentes interpretações das memórias e identidades enraizadas?

O objetivo geral desta pesquisa é investigar como as ações educativas contribuem na (re)construção das memórias e na manutenção das identidades regionais. Seus objetivos específicos são:

- a) Discutir os pressupostos teóricos da Educação em museus e sua relação com as propostas do Museu de História do Pantanal;
- b) Identificar as diferentes abordagens e suas práticas educacionais no âmbito do Museu de História do Pantanal;
- c) Avaliar como as ações educativas e a expografia se articulam na execução dos projetos propostos pela Instituição;
- d) Investigar como as ações educativas operam e significam as diferentes memórias e identidades regionais nos discursos expográficos.

Discutir as propostas educativas dos museus é também perguntar o quão os programas educacionais estão, de fato, contribuindo para a promoção da cidadania, despertando o interesse na sociedade em (re)conhecer e questionar o espaço, as influências e transformações que constituíram a história, os saberes e fazeres locais. Ainda, a temática torna-se relevante no sentido de contribuir com o aprofundamento dos conceitos e métodos que as equipes de museus adotam para desenvolver as ações educativas, uma vez que se veem isolados dos grandes centros produtores de cursos, eventos, seminários, graduações, mestrados e

doutorados da área museológica. Lançada esta provocação, justifica-se a importância deste estudo.

O trabalho está estruturado em três capítulos. Após a introdução, o capítulo “PILARES DAS AÇÕES EDUCATIVAS EM MUSEUS: TECENDO RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO” tem por finalidade lançar reflexões em torno da Educação em Museus, fundamentada, neste estudo, pelos suportes elementares para este processo, sendo a memória, a identidade e o patrimônio, ingredientes para a elaboração e execução das ações educativas. O capítulo discute ainda uma das metodologias aplicadas nas instituições, a Educação Patrimonial, que é a mais referenciada pelos museus, inclusive, pelo Muhpan. Posteriormente, o subcapítulo “Uma proposta de museu: o Muhpan como divulgador da história e da cultura pantaneiras” aborda o caráter educativo do Muhpan, sua constituição, organização, missão, objetivos, exposições e programa educativo.

Em seguida, o capítulo intitulado “MEMÓRIAS DE UM TERRITÓRIO: IDENTIDADES” apresenta um breve histórico da cidade de Corumbá, onde fica o Muhpan. Discute os discursos selecionados pelo Museu, referentes aos fatos históricos da região, objetivando identificar como as narrativas são apresentadas e problematizadas ao público, e como o acervo é utilizado e explorado na realização das ações educativas. Em seguida, inicia-se uma abordagem aprofundada das ações educativas realizadas nas três temáticas expositivas: “Dez pantanais”, “Trem do Pantanal” e “Guerra contra o Paraguai” - recorte deste estudo - visando analisar, a partir do enfoque do caráter educativo do Museu, como as memórias e identidades estão sendo operadas. Ainda, identifica a função educativa do Muhpan por meio da investigação do sistema hierárquico, da composição do setor educativo, temas abordados que estão ou não contemplados no projeto expográfico, dos materiais didáticos, papel do educador no Museu e Plano Museológico. O último capítulo reserva-se às considerações finais, com análises e reflexões sobre as propostas do trabalho.

A abordagem desta pesquisa é do tipo qualitativa-descritiva, sob a forma de um estudo de caso focado nas ações didáticas desenvolvidas em três das vinte e duas temáticas. Em fevereiro de 2014, tive oportunidade de conhecer o Museu, conversar com os educadores, coletar documentos institucionais e observar uma *visita orientada*. Nesse primeiro encontro, por meio das falas dos funcionários, percebi certo dissabor em relação aos temas expográficos. O Museu apresenta grandes fendas na expografia, como, por exemplo, a exclusão da história do negro. Portanto, fazia-se fundamental ouvir esses sujeitos. A segunda



visita ocorreu em julho do mesmo ano, quando entrevistei os funcionários do Museu que são: ex-coordenador do Setor Educativo - atual assessor de execução de projetos educacionais e culturais da Fundação Barbosa Rodrigues; atual coordenadora; educadores - atualmente, o Setor conta com sete educadores; gestor e presidente da mantenedora do Museu, totalizando dez pessoas. Realizei entrevistas com os funcionários, tendo como base dois roteiros: um direcionado ao Setor educativo (Apêndice D) e outro aos educadores (Apêndice E).

A Instituição disponibilizou-me documentos institucionais importantes, como Plano Museológico, Projeto Expográfico, Projetos Educativos e parte de seu acervo fotográfico, concernentes às ações no Museu. Todas as entrevistas (Apêndices D e E) foram realizadas *in loco*, no período de 29 de julho a 02 de agosto de 2014 e transcritas pela pesquisadora. Os dados obtidos - por meio de entrevistas, da análise documental e da observação das ações - servirão de elementos para interpretação dos resultados da investigação, objetivando, dessa forma, uma aproximação dos pressupostos teóricos com a experiência empírica. A pesquisa, portanto, apoiar-se-á em um amplo leque de fontes primárias e secundárias.

## **2 PILARES DAS AÇÕES EDUCATIVAS EM MUSEUS: TECENDO RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO**

Para iniciar este capítulo, um bom ponto de partida seria lançar alguns dos questionamentos apontados por Ulpiano Bezerra de Meneses (2000), em seu texto *Educação em Museus: seduções, riscos e ilusões*: “Que significaria, então, uma ação educativa dos museus no tocante aos problemas da memória e da identidade? Colaborar na *construção* ou *reforço* e *valoração* das identidades e memórias, essências puras (ou, quando impuras, que se impõe purificar)?” (2000, p. 94, grifo do autor). Evidentemente, não seria nada fácil respondê-las - tampouco é o propósito deste estudo obter uma exata resposta. Mas, ao percorrer pelos caminhos da Educação em Museus, me sinto provocada a refletir sobre o papel dos museus enquanto espaço educacional, tendo em vista os elementos centrais que contribuem para este processo, como memória, identidade e patrimônio.

Antes de tratar do potencial educativo dos museus, é importante lembrar que a Museologia, uma ciência aplicada, tem como objetivo analisar a relação entre o Homem e o seu meio, estabelecendo, dessa forma, o patrimônio cultural como suporte/indício para essa articulação. Cristina Bruno (2002, p. 89) ressalta dois aspectos da Museologia que merecem atenção. Primeiramente, trata-se da:

[...] necessidade de identificar e compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem, ao longo do tempo, frente ao seu patrimônio; e, por outro, desenvolver processos para possibilitar que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e essa, por sua vez, contribua para a necessária construção das identidades (individual e/ou coletiva).

A Museologia, quando inserida na “dimensão do conhecimento” (MENESES, 1994, p.20), tendo como base a problematização, a reflexão e o questionamento, potencializa a percepção dos sentidos e significados do patrimônio cultural. Dessa forma, construir articulações entre história, cultura, memória, identidade e educação, por meio do bem cultural, é papel dos museus. Seus acervos e propostas educativas consistem em um arsenal de provocações inteiramente capazes de construir diferentes abordagens em torno de acontecimentos sobre o nosso passado, presente e futuro, e, assim, compreender o meio em que vivemos e as relações entre as pessoas. Segundo Maria Célia Teixeira Moura Santos (2002a, p. 308):

A Museologia e a Educação, consideradas como histórico-socialmente condicionadas, assumem, em cada período histórico, características que são resultado das ações do homem, no mundo, fazendo com que possamos considerá-las como possibilidade e não como determinação. Daí, a necessidade de contextualizá-las, situando-as no tempo e no espaço compreendendo-as como ação social e cultural.

Nesse sentido, a Educação em Museus potencializa a relação entre conceitos como história, memória, identidade, a fim de refletir sobre o cotidiano e a cultura de uma sociedade, para que, a partir da contextualização, possamos compreender e interpretar os significados de cada contexto e conteúdo que nos é apresentado pelos museus. Contudo:

É preciso estar atento para os riscos de a educação transformar-se numa cômoda tábua de salvação, anestesiando as consciências e responsabilidades profissionais que não se empenham nas exigências amplas, rigorosas e profundas que a ação educacional imperiosamente determina. (MENESES, 2000, p. 93).

Os caminhos da educação são árduos e desafiantes. Portanto, torna-se indispensável que as estratégias educativas tenham como princípio e finalidade a produção de conhecimento e não apenas a tradução e a transmissão de informação. A “análise clínica” e a “dissecção” dos acervos, se levarmos em consideração os fatos, contextos e o espaço/tempo que os circundam, revelam-se eficientes e profícuos métodos de ação educativa. Muito mais do que boas intenções, a Educação em Museus requer comprometimento, pesquisas e boas ideias por parte dos profissionais que atuam na área, além de pautarem-se por uma política que contemple os mais diversos públicos, camadas sociais, culturais e educacionais. São as relações que dão sentido ao espaço museal. Logo, não caberia, de forma alguma, a existência de práticas e condutas seletivas, segregadoras e excludentes. As portas e janelas dos museus deveriam promover acessos universais, são lugares que fazem da diferença sua fórmula para o respeito com o outro.

Que conceito de educação impera nos museus? Como utilizam e aplicam este conceito na criação dos projetos educativos? Que relevância tem a educação nas ações cotidianas de um museu? Tais questionamentos auxiliam-nos a entender a política, a missão e as intencionalidades de um museu. As práticas educativas estão para além dos projetos e programas institucionais, pois a expografia também revela um grande potencial educativo, especialmente quando todos estes elementos aguçam curiosidades, estranhamentos e proporcionam ao visitante liberdade e autonomia para que possa realizar suas próprias reflexões. Gabriela Figurelli (2013, p.56) revela que:

Se no princípio via-se apenas o setor educativo como espaço destinado às ações educativas, hoje, cresce o entendimento de que os princípios educacionais podem permear as diferentes funções museológicas. Fazendo-se presente seja na preservação, na documentação, na pesquisa, na exposição, na comunicação, na interpretação, e em todos os espaços de atuação de um museu, estimulando assim a coesão entre as diferentes atividades museológicas.

Assim, além das ações desenvolvidas pelo setor educativo, outras atividades também estão inseridas na rede que entrelaça todo o fazer museal, tendo em vista que o trabalho de pensar, criar, montar uma exposição ou a pesquisa e a conservação de acervos são tarefas que exigem análises/estudos para que possam assumir um caráter educativo e servir como pressupostos no processo de ensino e aprendizagem dos museus.

O saber empírico é elemento indispensável na ação educacional. São as nossas experiências, conhecimentos e referenciais que nos respaldam no processo de aprendizagem, uma vez que a educação “[...] alimenta-se da tradição, sendo esta o suporte essencial que lhe dá sentido, fornecendo a base necessária para a construção e reconstrução do conhecimento” (SANTOS, 2008, p. 132). Entretanto, é importante que cada indivíduo esteja preparado, a nível político e social, para subverter as leis impostas pelo sistema e conscientizar-se de que a “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1967) é o que nos possibilitará aniquilar toda e qualquer forma de alienação e repressão.

André Desvallées e François Mairesse (2013, p.38) definem a Educação em Museus da seguinte forma:

De uma maneira geral, a educação significa a implementação dos meios necessários para a formação e o desenvolvimento de pessoas e de suas próprias capacidades. A educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação, ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes.

Ao aproximar estas concepções de Educação em Museus das declarações do ex-coordenador do Setor Educativo do Muhan e da atual coordenadora, obtidas em entrevistas nas quais procurei compreender como percebiam a educação em museus, notei diferenças nas

visões e entendimentos acerca do museu como espaço educacional. Para o ex-coordenador<sup>1</sup>, a educação em museus:

[...] é processo de transformação. Transformação social, política, ideológica de qualquer sujeito. Primeiro enquanto direito, depois como formação de identidade. No caso de museu não é diferente, é ocupar esse espaço, [...] essas exposições, essas salas, esses auditórios, ocupassem isso como possibilidade de educação, de transformação, de educação extramuros escolar porque a educação não se dá só nas escolas e também não se dá só na visita ao museu. A educação para mim em museus é aproveitar de um espaço cenográfico, de um patrimônio que é científico que já foi estudado e transformar isso em possibilidades de aprendizagens. E aprendizagem, no nosso caso, de preferência, que seja de maneira lúdica, divertida, agradável foi o que a gente sempre priorizou em todos os nossos projetos. (BORGES, 2014, informação verbal).

Com base no mesmo questionamento, a atual coordenadora do setor educativo destacou:

[...] o meu entendimento é, principalmente, voltado para prática que a gente desenvolve aqui porque geralmente a ação educativa ela se volta para os grupos escolares. Eu sempre tento voltar para os grupos escolares, mas sem esquecer que a gente tem outros grupos. [...] o nosso foco principal é esse, a educação seria voltada para mostrar a história do Pantanal, como a gente está inserido nessa história, de que forma a gente pode compreender e tentar fazer um melhor aproveitamento disso. [...] o Museu acaba sendo uma forma de aprender a história regional. [...] a gente tenta desenvolver o máximo, tanto esse conhecimento de educação para as pessoas que estão visitando, como para os educadores, a gente está em constante aprendizado. (SILVA, 2014, informação verbal).

Os educadores<sup>2</sup> também foram questionados sobre o que, para eles, significa Educação em Museus; algumas respostas foram semelhantes, outras não. Entre as ideias centrais, destacam-se expressões como: é acrescentar um pouco mais de conhecimento; tentar despertar a curiosidade; deixar as crianças cada vez mais a fim de conhecer a fundo a história da sua cidade, do seu país, para contribuir com o seu futuro; mostrar a história da cidade para as pessoas; mostrar a história dos fatos históricos, uma vez que isso vai fazer com que eles valorizem o lugar onde estão.

---

<sup>1</sup> Atualmente trabalha como assessor de execução de projetos educacionais e culturais da Fundação Barbosa Rodrigues, mantenedora do Muhpan.

<sup>2</sup> O Muhpan conta, atualmente, com o apoio de seis educadores. Cinco deles são estudantes do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Apenas um é estudante do Ensino Médio.

O ex-coordenador do Museu esclarece que a educação opera como um vetor para a construção da cidadania, o direito que os sujeitos têm de receber um ensino de qualidade, e torná-los conscientes sobre a formação da identidade. Ainda percebe-se, na fala do entrevistado, que a sua perspectiva sobre Educação em Museus envereda-se para um campo mais pragmático e político, atrelado a diretrizes que respaldam a educação, transformando-a em ação política.

A coordenadora, em sua fala, enfatiza que a história regional é um importante fator a ser considerado no processo da Educação em Museus, em especial no Muhan. É importante frisar que o público escolar, conforme mencionado por ela, é o que mais visita o Museu, ao passo que, a educação, nesse caso, é encarada no sentido mais operacional. No cotidiano da Instituição por meio da prática das ações, o Setor Educativo entendeu que a história local é uma pauta a ser mais debatida. Revela-se, portanto, as circunstâncias e estratégias em que as ações são conduzidas.

Quanto aos educadores, podemos notar que muitas das respostas se assemelham à da coordenadora. A preocupação em abordar, pontuar e contextualizar os fatos históricos da região é princípio básico no processo de educar o público nesse Museu. A coordenadora do Setor Educativo e os educadores detêm uma bagagem cultural do ensino da História, portanto, enveredam-se por este viés para conceituar, desenvolver e disseminar a Educação em Museus. Mesmo realizando leituras referentes ao campo da Museologia, as experiências de cada um, atreladas ao cotidiano, reforçam o modo de pensar e aplicar a educação no espaço museal. Contudo, conforme ressalta criticamente Meneses (2000, p. 95, grifo do autor),

[...] identidade e história não podem ser *objetivos* de um museu, mas *objetos* seus de tratamento crítico - até mesmo para fundamentar uma ação educacional legítima e socialmente fecunda. É possível ensinar história sem ensinar a fazer História? É possível aprender História sem aprender a fazer História? Em minha experiência docente, encontro apenas elementos que fundamentam uma resposta negativa a tais indagações.

Para compreender um leque, por exemplo, é necessário recriar sua história, interpretar suas faces - material, cultural, social e tecnológica, relacioná-las com as transformações que fizeram o objeto se tornar fonte histórica. Muito mais que interpretar a história do objeto, é preciso entender a história no objeto. Logo, contextualizar os acontecimentos e seus fatos é o ponto de partida para o itinerário de questionamentos, tecituras e compreensão dos processos e fenômenos ocorridos em cada sociedade em um determinado tempo.

Sendo a interação social um requisito para o método de ensino e aprendizagem, torna-se elementar o papel da memória e da identidade nas ações educativas dos museus. As representações dos acontecimentos históricos e sociais são elementos que auxiliam na manutenção de memórias, e, conseqüentemente, na construção de identidades. Memórias são evocadas de diferentes formas e suscitadas conforme cada situação. Para Michael Pollak (1992, p.201), a memória é constituída por diversos elementos:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Museus são lugares estratégicos para despertar as nossas memórias, uma vez que suas narrativas contêm suportes evocativos e “[...] as coleções de objetos exibidos nos museus não fazem apenas lembrar, elas lembram alguma coisa ao público” (SANTOSb, 2002, p. 133).

É preciso ter muita cautela ao mirar as exposições como moldes que expressam o sentido real de uma cultura, de um grupo social, dignos de representar suas identidades. Entretanto, é possível designar os objetos “como vetores desses fenômenos” (MENESES, 1994, p. 39). Dessa forma, se não houver uma reflexão crítica que conduza todas as formas e propostas educativas de um museu estas apenas resultarão em ações improfícuas.

Para o autor Krzystof Pomian (2000, p. 508) a memória é “[...] o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, com o passado: conforme os casos, exclusivamente com o seu passado, com o da espécie, com o dos outros indivíduos” e, nesse sentido, a reflexão crítica contribui para conhecer e entender tais fenômenos.

A consagração de memórias nos museus vem sendo problematizadas e colocadas como dado investigatório dos elementos que foram selecionados para a construção das identidades. A ação de reforçar e “proteger” identidades nos aproximam do que a ideologia promove e nos distancia do entendimento acerca dos processos constituintes de nossa história e cultura. Para Santos e Chagas (2007, p. 12):

Os museus lidam com memórias coletivas, ou seja, com representações consolidadas coletivamente. Eles podem ser compreendidos como instituições que têm sido cruciais na formação das identidades nacionais. A relação da identidade com o

passado ou com a memória desse passado é complexa. Indivíduos constroem suas identidades mediante o uso da memória, e esta é indissociável, por exemplo, da linguagem, que é uma construção social que antecede a existência desses indivíduos. As memórias coletivas são uma forma de linguagem, são construções coletivas que antecedem os indivíduos. [...] Os indivíduos estão reconstruindo suas identidades tanto pessoais como coletivas a todo momento. É de ressaltar, portanto, que ao considerarmos os museus como instituições que lidam com a construção da memória, não há como ignorarmos que eles fazem parte da história, de um processo aberto cujo destino está em aberto. A política de identidades se faz ao longo de um processo cujo curso não é possível de ser predeterminado, o que, no entanto não nos impede de procurar compreendê-la e contextualizá-la.

Se os museus priorizarem o trabalho de problematizar memórias e identidades, os resultados indicarão que tais fenômenos resultam em um processo contínuo de construção e reconstrução, visto que:

Identidade e memória são assim ingredientes fundamentais da interação social, presentes em quase todos os seus domínios - e, por isso, não poderiam em hipótese alguma estar ausentes dos museus que pretendam dar conta dos aspectos fundamentais de uma sociedade viva, no presente ou no passado. A identidade e memória garantem a produção e reprodução da vida social, psíquica e biológica. Dão suporte a um eixo de atribuição de sentidos sem o qual a vida se fragmentaria num permanente salto no escuro. (MENESES, 2000, p. 94).

Segundo Meneses (1993), identidade é um fenômeno que tem em seu âmago a semelhança, contudo, ela pressupõe a diferença, e a diferença é que pode provocar o tensionamento e o reforço ou a transformação. Logo, “[...] a diferença está na base de todas as classificações, discriminações, hierarquizações sociais. Em outras palavras, não se precisam as diferenças apenas para fins de conhecimento, mas para fundamentar defesas e privilégios” (MENESES, 1993, p. 209). Nesse sentido, uma ação educativa que objetive desmitificar a construção da memória e da identidade resultará mais fértil para a compreensão das histórias e patrimônios preservados pelos museus.

Os objetos são importantes vestígios de investigação para revelarmos a cultura de uma sociedade. Os acervos dos museus estimulam-nos a desenvolver e ampliar nosso campo de percepção sobre as coisas no mundo. Por meio da cultura material é possível conhecer quais foram e/ou são as necessidades humanas de um grupo social, tendo em vista as estratégias pensadas para a sua sobrevivência. Assim, é preciso e, possível, abordar diferentes contextos, histórias e memórias que impregnam os objetos, pois é conhecendo, valorizando e ponderando as diferenças do mundo e do outro que nos tornamos mais humanos. Nesse



sentido, os objetos são excelentes vetores para aprendizagem, tendo em vista como sugere Figurelli (2012, p.57):

O patrimônio, visto não apenas como os objetos que representam e identificam um grupo ou uma nação, mas também como os territórios, os saberes, os fazeres, os costumes que são testemunhos da trajetória de um grupo e matéria-prima para a compreensão do tempo presente, demonstra que a concepção de patrimônio não está unicamente direcionada à preservação do passado, está também voltada à construção do presente a partir da valorização da diversidade cultural.

Interessante questionar se as propostas de interação, no espaço museológico, potencializam, de fato, na aprendizagem, na operacionalização da memória, no modo de agir, de ver e pensar esses espaços, como um meio necessário no processo de ensino e troca de conhecimento. Sobre o potencial museológico dos objetos materiais, Evelina Grunberg (2000, p. 4) destaca que:

Um objeto tem em si, não somente a presença da forma e dos materiais com que foi construído. Ele guarda através disso todas as relações de produção da sociedade que o criou; um jarro indígena fabricado e pintado a mão, nos remete à estrutura política, econômica, social e tecnológica do índio. Através do estudo do jarro e seu uso, passamos a ter conhecimento e uma melhor compreensão dessa sociedade indígena. É necessário estudar esses objetos para que se tornem vivos e cumpram a função de transmitir a memória de sua época.

O termo “patrimônio” surge com as transformações culturais, urbanas e sociais da sociedade moderna. Pohl (2005, p.74) nos aponta que “[...] o patrimônio funciona também, como uma ferramenta de construção de identidades, um instrumento de afirmação e legitimação de grupos sociais e, atualmente, até como uma forma de captar recursos econômicos para a sociedade”. Ainda, o patrimônio associa-se a elementos concernentes ao saber-fazer, à preservação dos costumes e da arquitetura. Fonseca (2009, p. 51) discute os usos do patrimônio, destacando que:

A questão do patrimônio se situa numa encruzilhada que envolve tanto o papel da memória e da tradição na construção de identidades coletivas, quanto os recursos a que têm recorrido os Estados modernos na objetivação e legitimação da ideia de nação. Permeando essas dimensões, está a consideração do uso simbólico que diferentes grupos sociais fazem de seus bens – e aqui me refiro tanto à produção quanto à conservação ou destruição – na elaboração das categorias de espaço e tempo. Ou seja, o valor que atribuem a esses bens enquanto meios para referir o passado, proporcionar prazer aos sentidos, produzir e veicular conhecimento.

O patrimônio é elemento fulcral para nutrir a relação do indivíduo no espaço museal, fomentar memórias e construir identidades por meio das representações seletas da instituição. Nesse sentido, por meio do patrimônio, as instituições museológicas realizam ações com vistas à aproximação entre sujeitos e objetos, proporcionando novas possibilidades de aprendizagem por meio da interação e da evocação de vivências. Metodologias aplicadas como, por exemplo, a Educação Patrimonial<sup>3</sup>, nos possibilita conhecer, refletir e ressignificar os objetos que se fizeram presentes na tradição e na cultura de uma sociedade:

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita o indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

Ao perpassar pelo conceito de Educação Patrimonial, é possível identificá-lo como um método educacional cujo propósito se dá no conhecimento e na valorização do patrimônio cultural. O bem cultural é essencial para a aplicação de uma ação educativa, sempre levando em conta o legado cultural dos sujeitos. A Educação Patrimonial possibilita-nos compreender as estratégias de sobrevivência que as sociedades estabelecem como meio de diferenciação a outros grupos. É dessa forma, por meio do conhecimento, que adquirimos o sentimento de pertença e valorizamos a cultura.

A Educação Patrimonial vem sendo aplicada, principalmente, nos museus históricos, devido ao trabalho que estas instituições realizam com o intuito de aproximar sujeitos das diversas faces de sua herança cultural. É possível afirmar que os métodos aplicados nos museus que amparam a ação museal (Educação Patrimonial, Proposta Triangular e Educação para o Patrimônio, por exemplo), têm em comum algumas finalidades: a educação, a reflexão

---

<sup>3</sup> Existem ainda outras propostas metodológicas norteadoras das ações museológicas utilizadas pelas instituições culturais como, por exemplo, a Proposta Triangular e a Educação para o Patrimônio. A Proposta Triangular, concebida pela Arte-Educadora Ana Mae Barbosa (1980), ex-diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP, é um método “[...] que modificou o ensino da arte nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil, introduzindo o conhecimento da arte ao lado da prática com os meios artísticos. A Proposta Triangular salientou a importância da interpretação da arte e as vantagens de ver e analisar as obras ao vivo”. (BARBOSA, 2009, p.17). A Educação para o Patrimônio (GRISPUM, 2000) pode ser realizada dentro e fora dos espaços culturais e de ensino. Essa metodologia implica em identificar e (re) significar o seu território, (re) conhecer e valorizar o patrimônio daquele ambiente, que está presente no cotidiano dos sujeitos, mas que não é percebido por diversas hipóteses. Trata-se da atribuição de novos sentidos e escolhas onde cada indivíduo se faz atuante e protagonista frente às decisões do que preservar como ícone da sua cultura, tradição e identidade.

crítica, o respeito, o diálogo, a curiosidade - sem deixar de considerar que a troca entre as experiências é parte essencial desse processo.

Neste capítulo, propus-me discorrer sobre como, diferentes autores, abordam questões centrais relativas às ações museais. De modo geral, estes autores mostram que a Educação está no âmago dos museus; sem ela não conseguiríamos atribuir sentido, compreender e valorizar o bem cultural. Do mesmo modo, história, cultura, memória e identidade, quando problematizadas, provocadas, estimuladas e inseridas na esfera do espaço/tempo, dão suporte e potencializam os métodos de aprendizagem. Logo, com esse enredo, podemos propor articulações entre Educação, Patrimônio, Memória e Identidade para pensar e construir ações educativas com o comprometimento de inseri-las na esfera do conhecimento. No próximo subcapítulo descreverei os processos constituintes do Muhpan: missão, metas, intencionalidades e suas ações educativas, para que possamos compreender e identificar o caráter deste Museu.

## **2.1 Uma proposta de museu: o Muhpan como divulgador da história e da cultura pantaneiras**

O projeto de criação do Muhpan surgiu da vontade e da motivação de um grupo de pessoas ligadas à área de educação e cultura da cidade de Corumbá. Um encontro com o Ministro da Cultura, naquela época, Gilberto Gil Passos Moreira, foi decisivo para concretizar os planos de criar o Museu do Homem Pantaneiro, primeiro nome do atual Muhpan. Conforme Marta Barros<sup>4</sup>, o Ministro se dispôs apoiar a ideia, uma vez que tornava-se inquestionável a relevância turística e cultural da região, portanto, fazia-se necessária a criação de um museu que preservasse e contasse as histórias e memórias do Pantanal.

No ano de 2003, a cidade de Corumbá, mais especificamente o Porto Geral, foi contemplada pelo Programa MONUMENTA<sup>5</sup>, do Ministério da Cultura - MinC, cujo objetivo foi recuperar e preservar patrimônios arquitetônicos de valor histórico protegidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN). Com a revitalização do Porto de Corumbá, os casarios passaram a atrair diferentes olhares. Uma solicitação local foi expedida ao Programa MONUMENTA para criar um centro expositivo que retratasse a Arqueologia da região pantaneira para torná-lo uma atração turística. Diante disso, a

---

4 Informações fornecidas à autora pela gestora do Muhpan, Marta Barros S. Santos, em entrevista na cidade de Campo Grande, MS, em 29 de julho de 2014.

<sup>5</sup> A esse respeito ver também: <<http://www.monumenta.gov.br/site/>>. Acesso em 13 de Agosto de 2014.

Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo entrou em cena e começaram as tratativas para a implantação de um museu. Nesse momento, surgiu o convite à Fundação Barbosa Rodrigues (FBR)<sup>6</sup> para angariar recursos e assim tornar os planos de criação do Museu uma realidade.

A FBR encaminhou, no ano de 2005, outro projeto ao MinC, aprovado por meio da Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (Lei 8.313/91). Depois de um longo processo de captação de recursos, a Fundação obteve apoio da Petrobrás e da Votorantim Cimentos. Em 2006, foi realizado o projeto conceitual do Museu, pelo Professor pesquisador do departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Carlos Etchevarne, convidado pelos idealizadores do Museu muito antes da Fundação se tornar sua mantenedora. Nesse momento, a proposta preliminar do Museu foi repensada e ampliada, iniciando-se pelo nome da instituição, que passou a ser Museu de História do Pantanal.

Foi inaugurado no final da tarde desta terça-feira (12) o MUHPAN (Museu de História do Pantanal) instalado no Prédio histórico Wanderley & Baís, localizado no Porto Geral de Corumbá. O museu retrata a identidade do Pantanal de forma lúdica, didática e interativa, com recursos cenográficos. O espaço já está aberto ao público que poderá conferir fósseis, fragmentos arqueológicos, bem como obras interativas que abordam temas como a Guerra do Paraguai, incursões jesuíticas, ocupação indígena, e atividades econômicas desta região.

O MUHPAN foi concebido e idealizado pela Fundação Barbosa Rodrigues e teve patrocínio do Ministério da Cultura através de recursos diretos do Programa Monumenta que recuperaram a edificação. Além disso, houve captação através da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura que conseguiu sensibilizar as empresas Votorantim e Petrobras para investir na museografia e na museologia.

No local estão expostos objetos que contam a história da região do Pantanal, da pré-história – com peças arqueológicas –, passando pela conquista espanhola, a dominação portuguesa com os bandeirantes, a chegada das monções, etnias como os payaguás e guaicurus, a chegada da estrada de ferro, a Guerra do Paraguai e a re-ocupação do território. O acervo é formado por peças originais e réplicas e até obras feitas especialmente para o museu, que recebeu doações da UFMS, Museu do Índio e Museu da História Nacional (os dois do Rio de Janeiro), Museu de Arqueologia da USP, Instituto da Rede Ferroviária Federal, e o Museu das Culturas Dom Bosco. (AQUIDAUANA NEWS, 2008, doc. eletr.).

---

<sup>6</sup> A esse respeito ver também: <<http://www.fundacaobarbosarodrigues.org.br/quemsomos>>. Acesso em 16 fevereiro de 2014.

**Imagem 1:** Fachada atual do Muhpan



Fonte: Lilian Fontanari, 2014.

A Prefeitura do município cedeu o antigo casarão comercial denominado Wanderley, Baís e Companhia, para a instalação do Muhpan que antes também tinha sido sede da Secretaria de Turismo e Meio Ambiente de Corumbá. Com os recursos do MONUMENTA, o telhado e a fachada do prédio puderam ser restaurados, entretanto, fazia-se necessário contemplar os demais espaços, com obras e recursos para o funcionamento do Museu.

O Museu de História do Pantanal se propõe como missão:

[...] prestar serviços à sociedade através do resgate, valorização e reconhecimento do patrimônio material e imaterial da região do Pantanal e dos processos sócio-históricos da ocupação humana ocorridos neste espaço geográfico, contribuindo para o fortalecimento da identidade e cidadania dos homens e mulheres que vivem no Pantanal. (MUHPAN, 2010, p.12).

Os objetivos específicos do Museu são:

Promover a reflexão crítica da comunidade local sobre o seu protagonismo e participação na história da ocupação humana no Pantanal; proporcionar múltiplas visões do processo histórico da ocupação humana nesta região, por meio de ações educativas e culturais; promover ações de reconhecimento, valorização e

preservação do Patrimônio Cultural, material e imaterial, da Cidade de Corumbá e da região pantaneira. (MUHPAN, 2010, p.12-13).

O projeto museográfico do Muhpan foi produzido por licitação, tendo sido vencedora a empresa Votupoca<sup>7</sup>, sediada na cidade de São Paulo. Para a elaboração e execução do projeto a empresa contou com o trabalho de vários profissionais. Por meio de pesquisas prévias, cenografias, recursos audiovisuais, acervos adquiridos junto à colaboradores locais, a UFMS e o IPHAN, no ano de 2008, o Muhpan abriu suas portas. Segundo Juliano Borges (2014, informação verbal),

O Museu, quando ele foi criado, montado e proposto aqui na cidade, ele tinha uma dificuldade de aceitação da comunidade local porque veio uma Fundação que é de fora montar o Museu foi contratado um historiador da Bahia para pensar no projeto museográfico, foi contratada uma empresa de cenografia de São Paulo para montar o Museu, então houve... Apesar de ser um projeto da gestão da época aqui, em parceria com o Ministério da Cultura e com o IPHAN aqui do Mato Grosso do Sul, a cidade de Corumbá e os profissionais da cidade de Corumbá, principalmente pesquisadores da Universidade Federal, inclusive, principalmente o campo daqui, tinham e, eu acredito que ainda têm muita rejeição a esse projeto, a esse Museu que tem suas falhas porque museu nenhum é perfeito, museu de história corre mais risco ainda. A gente não consegue ser perfeito com o projeto museográfico, com o conteúdo científico que foi selecionado para contar essa história. Isso sou eu Juliano [quem diz], uma crítica que eu faço: e eu não fiz parte do projeto da constituição do Museu, eu cheguei e já estava quase pronto.

Borges (2014) acredita que a sociedade se envolve quando o assunto é a história da região a qual eles pertencem. Mesmo não sendo um museu comunitário, os sujeitos preocupariam-se em fazer parte da construção do Museu, com seus saberes e experiências, principalmente os especialistas que trabalham na região.

O Muhpan pretende contar a História de aproximadamente oito mil e duzentos anos da ocupação humana no Pantanal. Conforme discurso oficial, a Instituição “[...] retrata a **identidade** pantaneira e funciona como um organismo vivo da história” (MUHPAN, doc. eletr., s/d. Grifo meu). Por meio do aparato montado para o funcionamento desse espaço, os temas são apresentados com base na ludicidade e interação.

O circuito expositivo é definido pelo próprio Museu como não linear. É composto por uma exposição principal, dividida em vinte e dois temas. No térreo, o *hall* principal possui

---

<sup>7</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.votupoca.art.br/>>.

dois ambientes, o primeiro é destinado à recepção ao público, e o segundo abriga diferentes exposições de curta duração.

**Imagem 2:** Ambiente 1. Espaço para recepção.



Fonte: MUPHAN, 2007.

**Imagem 3:** Ambiente 2. Espaço destinado às exposições temporárias.

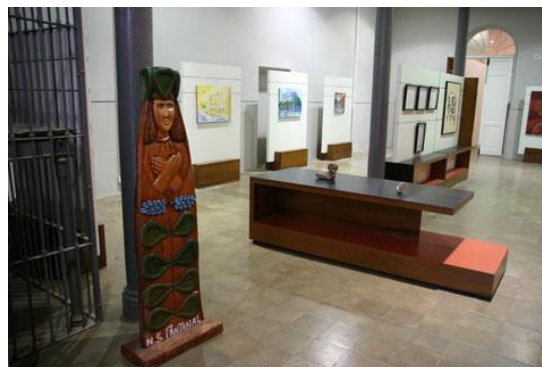
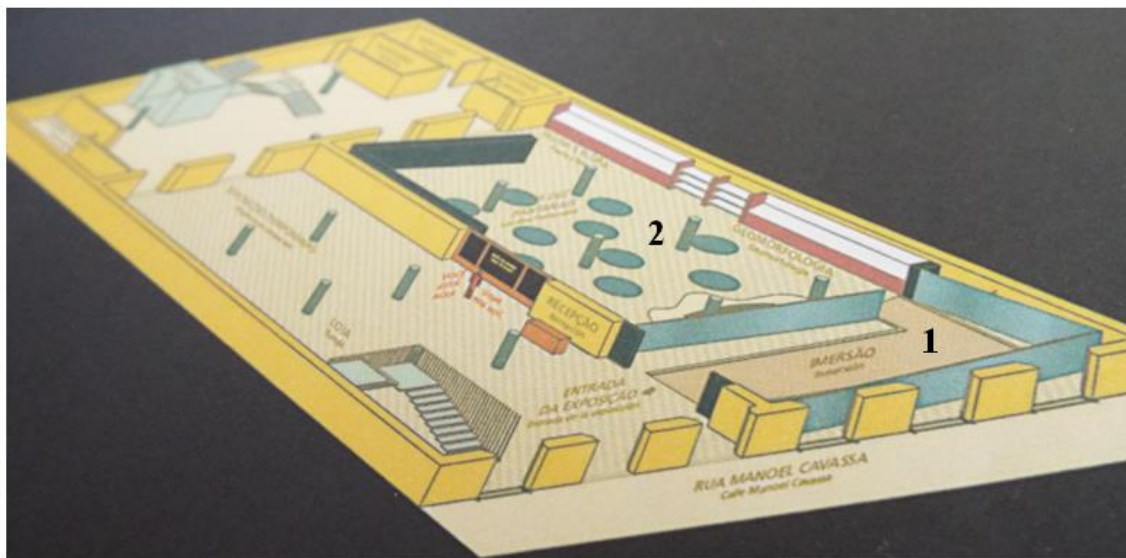


Foto: Alek Baptista, 2007.

**Imagem 4:** Circuito expositivo do Muhan. Térreo



Fonte: Adaptado de CORRÊA & CORRÊA, 2013.

Ao atravessar as portas do Museu, antes de passar pelas salas do *hall* principal, no lado direito localiza-se a primeira sala expositiva: (1) Imersão; em seguida: (2) **Dez Pantanaís**.





Logo após o fim do circuito expositivo há uma sala, localizada no 2º andar, destinada ao exercício de criação e reflexão pós-visita. Neste espaço existem diversos materiais resultantes de outras atividades e oficinas. O Museu também possui um auditório - local em que também podem ocorrer as *museaulas* - utilizado para a exibição de filmes (único recurso da população para este tipo de atividade cultural, pois a cidade não possui cinema), palestras, cursos e seminários destinados às escolas, comunidade, pesquisadores e turistas.

O Muhpan realiza as seguintes ações de suporte à Educação Patrimonial: *visitas orientadas, visitas animadas, museaulas, Sessão corumbella, Semana republicana no Muhpan, Cheia das letras e oficinas lúdicas.*

A educação patrimonial é uma ferramenta eficaz que o Muhpan usa para atingir seus propósitos, permitir uma leitura do universo e estimular a reflexão sobre uma determinada sociedade. Possibilita também ao indivíduo a compreensão do seu papel no mundo e na sua região. Compreensão e pertencimento são as palavras-chave desse processo de conhecimento que promove, em última instância, a autoestima da pessoa, a noção de cidadania e a valorização da cultura e da história como um bem coletivo e universal. (CORRÊA, 2013, p.9).

**Imagem 7:** Sala Dez Pantanaais.



Foto: Generson. Fonte: Muphan, 2007.

Para melhor compreensão das ações do Museu, construí uma tabela com as propostas educativas do Muhpan, para que, dessa forma, possamos analisá-las e elucidá-las objetivamente. Ressalto que tais ações referem-se às propostas originais do Museu, sendo executadas, com mais frequência, entre 2008 até o início de 2013.

**TABELA 1.** Propostas educativas do Muhpan 2008-2013.

<b>Nome da Ação</b>	<b>Descrição das atividades</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Executores da ação</b>	<b>A que público se destina?</b>	<b>Em quais espaços ocorrem a ação?</b>
<b><i>CHEIA DAS LETRAS</i></b>	Leituras e contação de histórias.	“Inundar”, metaforicamente, assim como o rio Paraguai em época de cheia, a sala de exposição Dez Pantanaís, com livros de literatura infanto-juvenil, como incentivo à leitura.	Funcionários do Museu e/ou convidados.	Grupos escolares e comunidade em geral.	Sala <i>Dez Pantanaís</i> .
<b><i>MUSEAULAS</i></b>	Palestras, colóquios, aulas, com temas ligados às temáticas do Museu.	Apresentações de trabalhos acadêmicos, escolares e/ou científicos, relativos à região do Pantanal, nos espaços do Museu.	Funcionários do Museu, convidados, professores, acadêmicos, alunos da rede de ensino local e/ou regional.	Grupos escolares, professores, turistas e comunidade em geral.	Espaços expositivos, auditório do Museu.
<b><i>OFICINAS LÚDICAS</i></b>	Aprendizagem de técnicas manuais, aulas teatrais, leituras e análises de cartografia e textos históricos.	A ação é destinada a estimular a capacidade criativa do público através de atividades como o artesanato, pinturas, estampania, grafite, jogos, vídeos, músicas, danças, teatro, grupos de estudos. O intuito é educar, ensinar, se divertindo e interagindo com os outros.	Funcionários do Museu, convidados, moradores locais, professores, artistas.	Grupos escolares, professores, turistas e comunidade em geral.	Em qualquer um dos espaços expositivos ou no Hall do Museu.
<b><i>SESSÃO CORUMBELLA</i></b>	Sessões de cinema e documentários	Promover exposições de filmes, como opção cultural, a toda população.	Coordenação do Programa de Ação Educativa do Muhpan.	Grupos escolares, professores, turistas e comunidade em geral.	Auditório do Museu.

<b>SEMANA REPUBLICANA NO MUHPAN</b>	Abertura do Museu durante a noite, na semana em que se comemora a Proclamação da República;	O objetivo é discutir e problematizar os conceitos de República e democracia, juntamente com estudantes e demais públicos que só podem ter acesso ao Museu à noite;	Funcionários do Museu e/ou convidados;	Grupos escolares, professores e comunidade em geral;	Salas expositivas;
<b>VISITAS ORIENTADAS</b>	Visitas acompanhadas de um educador do Programa de Ação Educativa do Museu.	Busca a interação do público com o Museu por intermédio do educador. Em uma visita orientada, o público fica em contato direto com o educador, e este tem oportunidade de conhecer os visitantes, seus interesses pessoais e curiosidades, e adaptar a visita de acordo com o contexto.	Educadores do Museu.	Grupos escolares, professores, turistas e comunidade em geral.	Salas expositivas.
<b>VISITAS ANIMADAS</b>	Visitas com dramatização teatral.	A atividade tem como propósito dar vida aos personagens históricos, inclusive ao acervo, por meio da dramatização.	Funcionários do Museu e/ou convidados.	Grupos escolares, professores, turistas e comunidade em geral.	Salas expositivas, com exceção da sala Imersão.

Fonte: Tabela adaptada de MARTINS, 2011.

**Imagem 8:** *Cheia das letras*. Tardes de lazer



Fonte: Acervo institucional Muhpan, 2012.

**Imagem 9: *Museaula*.** Tema: Pantanal



Fonte: Acervo institucional Muhpan, 2012.

**Imagem 10: *Museaula*.** Aniversário de Corumbá



Fonte: Acervo institucional Muhpan, 2012.

**Imagem 11: *Visita orientada***



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014.

**Imagem 12: *Visita orientada***



Fonte: MUHPAN, 2014.

**Imagem 13: *Visita animada*.** “Guerra contra o Paraguai”.



Fonte: Acervo institucional Muhpan, 2013.

**Imagem 14: *Visita animada*.** Personagens.



Fonte: Acervo institucional Muhpan, 2013.

*Visita orientada* é um dos métodos mais tradicionais de uma ação educativa. Essa atividade é executada por um educador e seu objetivo é orientar o público visitante em uma exposição, apresentar a narrativa, os objetos e recortes temáticos inerentes ao espaço expositivo. Contudo, as visitas orientadas podem ser caracterizadas como um monólogo ou diálogo, dependendo, da postura, perfil e metodologia de cada educador, bem como das intencionalidades da instituição. Aos educadores compete a transformação de uma visita orientada, guiar ideias, mentes e opiniões em uma “conversa-debate” na qual não há um comentarista ou narrador, mas um locutor que provoca e estimula a participação do público.

A atividade *Cheia das letras* faz referência, no sentido figurado, à cheia do rio Paraguai, durante a qual, a sala expositiva *Dez pantanais* é “alagada” com literatura. Na ação é possível relaxar, se divertir e aprender, lendo. Os adultos da comunidade local são convidados pelo Museu a levar seus filhos, sobrinhos, netos e afilhados para as tardes literárias da *Cheia das letras*.

*Museaula* são palestras, aulas, cursos, colóquios, oficinas e apresentações de trabalhos acadêmicos. Seu objetivo é oportunizar encontros e a troca de conhecimento entre estudantes, professores e a comunidade local nos espaços do Museu.

A atividade denominada *visita animada*, também conhecida como “visita teatralizada”, vem sendo bastante abordada pelos museus. No caso do Muhpan, conforme informações do Setor Educativo, esta ação não tem um caráter disciplinar, instrutivo, de ensino. Sua finalidade é entretenimento e diversão. Por meio de informações fornecidas pelo ex-coordenador do Setor Educativo do Muhpan em entrevista, podemos identificar o público-alvo do Museu:

Durante os seis primeiros meses, nós montamos o Setor Educativo, construímos o Programa e propomos algumas propostas iniciais. A gente queria muito atrair um público turista na cidade de Corumbá para visitar o Museu, mas acabou que o grande público do Museu daqui e, em qualquer lugar do Brasil, é o público escolar! E aqui não foi diferente! Sempre foram grupos escolares agendando visitas aqui. (BORGES, 2014, informação verbal).

A mera descrição destas atividades não é suficiente para a sua compreensão. A observação das atividades educativas do Museu pode nos revelar questões práticas de grande importância para analisarmos a eficácia destas ações, invisíveis de outro modo. Em minha primeira visita ao Museu, pude acompanhar uma turma de jovens, alunos de um curso técnico da cidade. Muitos descreviam “descontroladamente” tudo o que viam pela frente, sem ouvir

nada do que a educadora dizia. A problemática lançada por Magalhães e Ramos (2008, p.58-59) esclarece muito bem esta questão, de que quando a visita tem como propósito um relatório final, os alunos nada entendem e nem apreendem, uma vez que:

Sem problemáticas historicamente fundamentadas no sentido de produzir o saber crítico, a visita se torna um ato mecânico. Ainda é muito comum o professor de história exigir dos alunos o famigerado “relatório da visita”. Aí, vemos uma legião de estudantes desesperados, copiando as legendas rapidamente, para fazer a tarefa exigida. Nessa atividade, baseada no reflexo e não na reflexão, o visitante chega ao ponto de perder o que há de mais importante: o contato com os objetos. Na corrida contra o tempo, os alunos procuram transcrever tudo, mas nunca conseguem fazê-lo. E aí tudo pode acontecer: os que copiam “extintor”, ou “proibido fumar”, ou aqueles que chegam a usar suportes e vitrines como mesa para apoiar o caderno. Seguindo os passos da “educação bancária”, como diz Paulo Freire, o museu é transformado em fornecedor de dados.

A partir do vivenciado, posso afirmar que este, ainda, é um caso muito comum. O envolvimento anterior de professores e equipe do museu torna-se fundamental para a preparação do público escolar à instituição museal, para que, dessa forma, os educadores dos museus possam sugerir um foco, de acordo com as intenções preestabelecidas, em relação à experiência pretendida pelo grupo, evitando assim que a visita acabe em alienação ou doutrinação.

Por parte dos museus, de nada adianta adotar um leque de estratégias e métodos educacionais apropriados aos diversos públicos se não houver vontade e intenção, por parte dos visitantes e professores, de somar seus conhecimentos e experiências. No que tange às intencionalidades e metas do MuHPAN, podemos citar:

- Oferecer oportunidades educacionais para pessoas de todas as idades, formações, habilidades, classes sociais e etnias;
  - Estabelecer articulações com outras instituições para desenvolver e oferecer projetos educativos e culturais;
  - Analisar todas as atividades do museu para se compreender como elas podem contribuir para o papel educacional deste museu;
  - Oferecer capacitação permanente à Equipe de Educadores deste programa;
- (MUHPAN, 2010, p.32).

Tais intencionalidades e metas são suficientemente capazes de garantir um espaço com ações profícuas. Entretanto, é na prática que tais comprovações podem ser avaliadas, tendo em vista os diferentes percursos construídos em cada ação.

As ações sociais e culturais realizadas no Muhpan revelam, por meio dos programas e projetos, um vasto investimento no público escolar, uma vez que este é o maior público do Museu. A educação, no caso do Muhpan, é aplicada com o amparo da Educação Patrimonial. Identificamos que a metodologia foi e tem sido explorada com diferentes intencionalidades pelas coordenações do Setor Educativo. Os perfis e visões dos coordenadores (o anterior e o atual) são bem diferentes, o que explica os diferentes métodos aplicados nas ações do Museu.

Memória e identidade são operadas, em alguns casos, de maneira isolada nas práticas educativas. Já a história está intrínseca e extrinsecamente atrelada a toda ação e pronunciamento dos profissionais do Museu em suas orientações ao público.

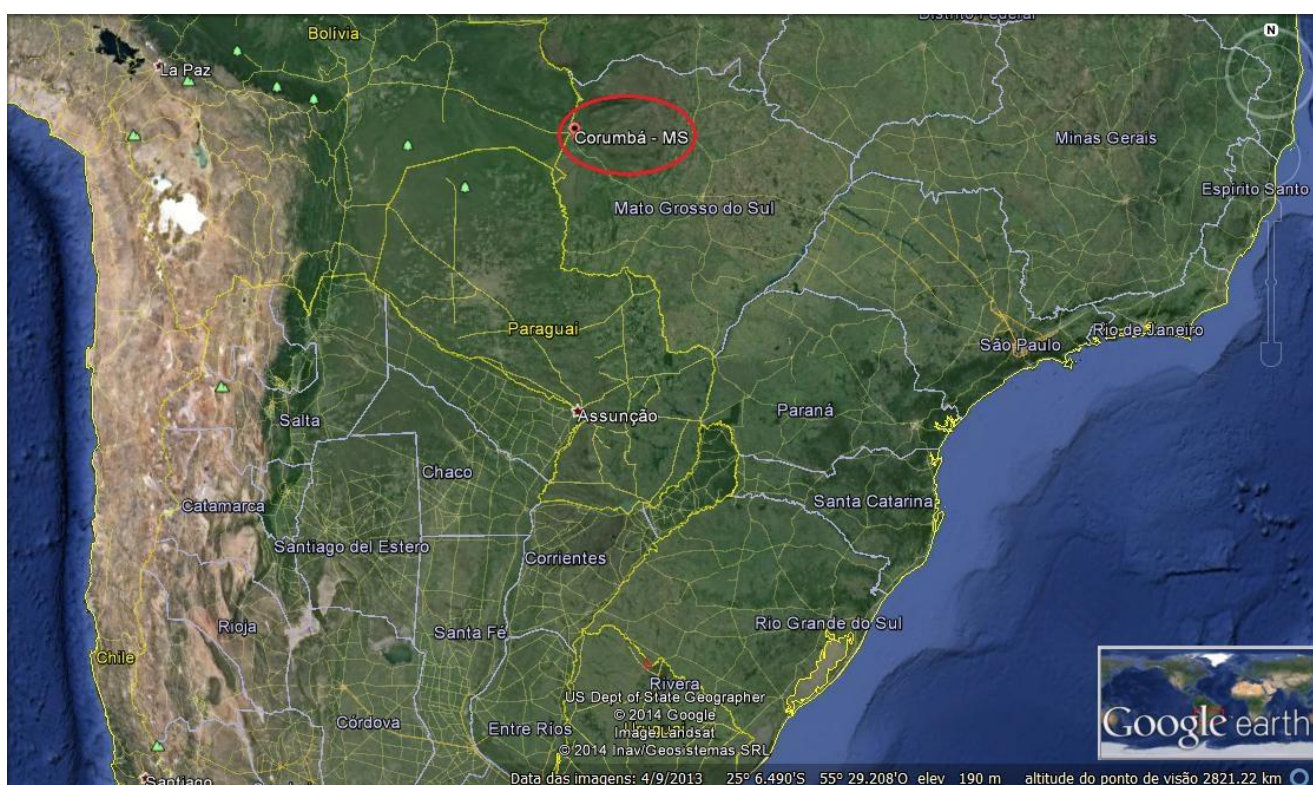
Neste subcapítulo procurei descrever e mapear a configuração do espaço expositivo e as práticas educativas desenvolvidas no Muhpan. A seguir, focarei, primeiramente, os conteúdos selecionados pela Instituição como representantes da cultura pantaneira, e, em seguida, ampliarei as discussões referentes às quatro ações educativas realizadas nas três temáticas expositivas que analisarei a fim de tecer diálogos entre Educação, Memória, Identidade e Patrimônio, sendo estes aqui considerados pilares das ações educativas em museus.

### 3 MEMÓRIAS DE UM TERRITÓRIO: IDENTIDADES

Olhando através das portas e janelas do Muhan, podemos avistar o rio, os pescadores, os barcos de passeio e de pesca, o vendedor de água de coco; crianças nadando na beira do rio, turistas, agentes de turismo; diferentes grupos, como aposentados, apostadores e jogadores de cartas, comerciantes: personagens cotidianos do Porto. Para compreender o Museu de História do Pantanal, é preciso aproximarmo-nos histórico-culturalmente da cidade em que está inserido.

Corumbá, fundada em 21 de setembro de 1778, localiza-se às margens do rio Paraguai, no Estado de Mato Grosso do Sul, ao sul do Pantanal. Antiga cidade portuária do século XVIII faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai. Segundo a Prefeitura do município<sup>8</sup>, a origem do nome vem do tupi-guarani *Curupah*, que significa lugar distante. É atualmente conhecida como Cidade Branca, devido a cor das areias que por lá preenchem ruas e quintais.

**Imagem 15:** Mapa de localização da cidade de Corumbá



Fonte: Google Earth

<sup>8</sup> A esse respeito ver também: <<http://www.corumba.ms.gov.br/site/corumba/2/>>. Acesso em outubro de 2014.



**Imagem 16:** Vista da Cidade. Morro Cristo Redentor



Fonte: Luis Andrade, 201[?].

Ao longo de sua história Corumbá despertou o interesse de viajantes e pesquisadores, como o antropólogo Claude Lévi-Strauss, que visitou a região na década de 1930. Dedicou trechos de um capítulo de seu clássico *Tristes Trópicos* (1996, p. 189) à descrição de vários aspectos do território, como o Cais do Porto e as ladeiras que dão acesso à parte alta da cidade:

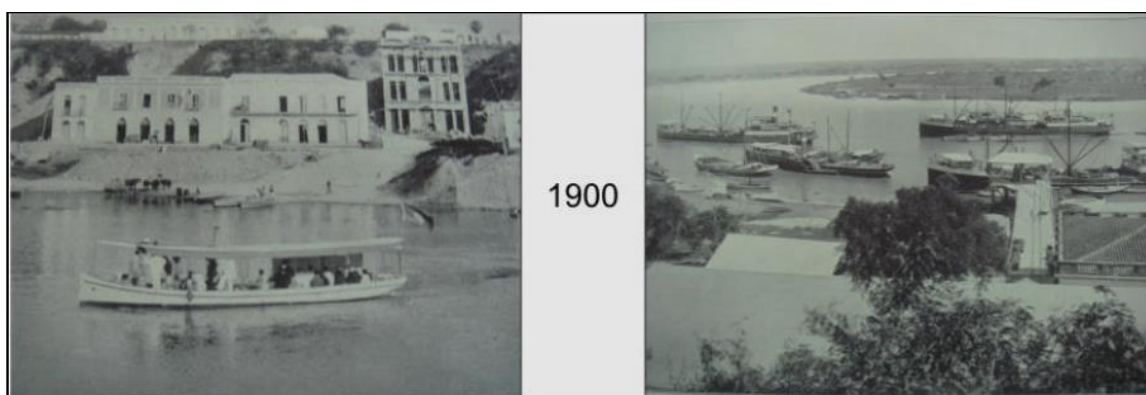
Em frente de Porto Esperança, na margem do rio Paraguai, Corumbá, porta da Bolívia, parece ter sido concebida por Júlio Verne. A cidade está implantada no alto de uma falésia calcária que domina o rio. Cercado de pirogas, um ou dois pequenos vapores de roda, com dois andares de camarotes instalados sobre um casco baixo e coroados por uma chaminé delgada, estão amarrados ao cais de onde parte uma ladeira. Primeiro, erguem-se algumas construções de importância desproporcional com o resto: alfândega, arsenal, que evocam tempos em que o rio Paraguai formava uma fronteira precária entre Estados recém-independentes e fervilhantes de novas ambições, e para os quais a via fluvial servia à circulação intensa entre o rio da Prata e o interior. Chegando ao alto da falésia, o caminho acompanha-a por uma avenida à beira-rio por cerca de duzentos metros; depois, vira em ângulo reto e penetra na cidade: longa rua de casas térreas com telhados planos, pintados de branco ou bege. A rua desemboca numa praça quadrada onde cresce o capim entre os flamboyants de cores ácidas, laranja e verde; mais adiante, é o campo pedregoso, até as colinas que fecham o horizonte.

Um só hotel, e sempre cheio; alguns quartos em casas de moradores, em térreos onde se acumula a umidade dos charcos e onde os pesadelos fiéis à realidade transformam quem vai dormir em mártir cristão de um novo tipo, atirado num fosso

sufocante para servir de alimento aos percevejos; quanto à comida, é execrável, de tal forma o campo, pobre ou inexplorado, é incapaz de suprir às necessidades dos 2 a 3 mil habitantes, sedentários e viajantes, que formam a população de Corumbá.

Lévi-Strauss reparou na paisagem urbana pitoresca da região do porto de Corumbá, que para ele parecia ter sido inventada por Júlio Verne, escritor francês do século XIX famoso por suas histórias sobre lugares distantes e exóticos, que em seus contos retratava a geografia, a cultura e as pessoas tanto de modo real quanto imaginário.

**Imagem 17:** Porto de Corumbá início séc. XX



Fonte: Hélènemarie Dias, 2009.

Evidentemente, a Corumbá testemunhada por Lévi-Strauss era pouco modernizada. Além disso, seu olhar tinha o viés eurocêntrico de um estrangeiro que comparava a Europa das primeiras décadas do século XX com os “sertões” do Centro Oeste brasileiro. Contudo, sua descrição é, sem dúvida, extremamente relevante para imaginarmos a paisagem local da época e acompanharmos suas transformações históricas.

Este cenário da década de 1930, no entanto, encontra-se ainda bastante preservado, devido, em grande parte, à estagnação econômica da cidade, edificada em função da mineração no século XX.

A importância histórica do município é atualmente reconhecida com o tombamento dos casarões do Porto Geral como patrimônio nacional, pelo IPHAN, como revela o texto oficial do Instituto sobre o mesmo:

O tombamento de Corumbá [...] ocorreu em 1993. Fundada para proteger o território ao sul de Mato Grosso, em 1778, a cidade teve, inicialmente, a função de um posto

avançado para abastecer o Presídio de Coimbra e o Forte do Príncipe da Beira, sendo também considerada um centro de influência na zona de fronteira entre o Pantanal (Brasil) e a região do Chaco (Bolívia e Paraguai). [...] O interesse pela cultura sempre foi um ponto forte da cidade de Corumbá, devido à grande miscigenação de povos em sua formação. Em épocas áureas, mesmo com o difícil acesso aos outros estados brasileiros, trazia-se companhias de teatro do Rio de Janeiro para apresentação na cidade. Da época de grande prosperidade, Corumbá guarda preciosos registros históricos e arquitetônicos dos seus belos casarões e sobrados em estilo europeu tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional. (IPHAN, s/d, doc. eletr.)

O tombamento dos casarões do Porto Geral, como testemunhos históricos, traduz-se na preservação de edificações que evocam memórias e o fortalecem identidades.

**Imagem 18:** Casarios do Porto Geral. Década de 1980.



Fonte: Disponível em: <[http://theurbanearth.files.wordpress.com/2009/10/scannedimage-18.jpg](http://theurbaneearth.files.wordpress.com/2009/10/scannedimage-18.jpg)> Acesso em abril de 2014.

**Imagem 19:** Casarios do Porto Geral



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2012.

Os casarios do Porto Geral foram importantes estabelecimentos comerciais para a economia local. Dentre esses monumentos arquitetônicos históricos tombados pelo IPHAN está o casarão Wanderley, Baís & Cia, fundado em 1876, atual sede do Muhpan.

**Imagem 20:** Fachada Casarão Wanderley, Baís & Cia. Início do séc. XX.



Fonte: Disponível em: <<http://www.muhan.org.br/canal.php?id=3>>. Acesso em abril de 2014.

Nesse prédio, ocorreram atividades ligadas à importação e exportação de mercadorias; tendo sediado também uma das primeiras agências do Banco do Brasil. De fato, este é um prédio distinto, que incorpora grande valor histórico-cultural hoje reafirmado com a instauração do Muhpan em suas dependências.

No interior do casarão que abriga o Museu, encontramos temas referentes aos diversos contextos históricos e às transformações culturais da região. Assim como em outros museus, os discursos referentes a estes temas são “peneirados”, selecionados, dando-se destaque apenas a algumas histórias para representar, e fazer lembrar, em pequenas frações, os acontecimentos do passado. Mário Chagas (2002, p.43) nos revela que:

As instituições que tratam da preservação e difusão do patrimônio cultural, sejam elas arquivos, bibliotecas, museus, galerias de arte ou centros culturais, apresentam um determinado discurso sobre a realidade. Compreender esse discurso, composto de som e silêncio, de cheio e vazio, de presença e ausência, de lembrança e esquecimento, implica a operação não apenas com o enunciado da fala e suas lacunas, mas também a compreensão daquilo que faz falar, de quem fala e do lugar de onde se fala.

O som e o silêncio, o cheio e o vazio, a presença e a ausência, a lembrança e o esquecimento, alegados por Chagas (2002), estão presentes de maneira profunda em todas as dimensões dos museus. Por exemplo, conforme Borges, (2014, informação verbal) o Muhpan [...] tem um grande déficit com a cultura negra, os afrodescendentes que é uma cultura muito forte em Corumbá não foi contemplada pelo projeto museográfico e nem na montagem do Museu e, é uma coisa que é uma falha.

As exposições e seus discursos “semeiam” e “promovem” determinadas memórias e identidades, destacando apenas alguns dos diversos fatos importantes da esfera social e cultural de um território, muitas vezes esquecendo ou suprimindo outros. Representar a história, retratar e fortalecer a identidade pantaneira, valorizar e preservar os patrimônios da região. Estas são algumas das intencionalidades que fazem parte da constituição do Muhpan.

Na região do Pantanal, o rio Paraguai é figura presente no olhar, nas memórias e histórias dos cidadãos corumbaenses. O Rio que acolhe a Cidade foi, entre os séculos XIX e XX, um dos mais importantes do País, devido ao intenso traslado de mercadorias na região:

O porto, nessa mesma época, recebia grandes navios a vapor procedentes da Europa, de Assunção, de Montevideú, de Buenos Aires. Pelo rio Paraguai, Corumbá, uma porta de entrada de imigrantes, recebeu argentinos, uruguaios, bolivianos, paraguaios, italianos, espanhóis, ingleses, franceses, belgas e árabes. (CORRÊA; CORRÊA, 2013, p. 57).

Sendo a Cidade “uma porta de entrada de imigrantes”, podemos, a partir dessa lógica, afirmar que a cultura desse território foi influenciada pelas diferentes experiências, costumes e conhecimentos dos que por ali passaram e, nesse sentido, contribuíram também para a formação histórica, social e cultural da região. No que tange à formação cultural da cidade de Corumbá, Paixão (2006, p. 102) destaca que:

Cabe mencionar minimamente que, na condição de fronteira, essa região é marcada culturalmente pela miscigenação de valores e tradições de bolivianos e brasileiros, que são manifestados ao longo do ano, como o Banho do Santo nas águas do rio Paraguai, a procissão fluvial de Nossa Senhora do Pantanal, a cantiga dos cururueiros da viola de cocho (Brasil), assim como da festa de urkupiña (Bolívia). Na culinária, é de se destacar a presença de caldo de piranha, peixe a urucum, arroz boliviano, sarrabulho (Brasil), salteña (Bolívia), além de bebidas como a chicha boliviana e o mate chimarrão de Corumbá.

Corumbá transparece em seus hábitos o contato com a Bolívia, principalmente, mas também com outros países, como Paraguai e Peru, o que ocasionou uma pluralidade de costumes e práticas híbridas presentes até os dias atuais. Com a instalação de um museu na Cidade, cujo objetivo é representar a história e cultura pantaneiras, é urgente e oportuno que a Instituição construa e aplique projetos que objetivem problematizar e tencionar questões relativas às identidades presentes na região.

A identidade de um grupo pode se definir por suas peculiaridades, que fazem com que se diferenciem de outros (HAIGERT, 2005, p.102). Se pensarmos nas características que identificam e distinguem a região do centro-oeste, e nos elementos que compõem a paisagem local, como personagem que fez parte deste mundo corumbaense, destaco, a partir de minha própria experiência pessoal: o rio, a fauna, a flora, os grupos indígenas, o folclore, as tradições, a pecuária, a culinária e as canções. Esta diversidade de elementos componentes da experiência individual do residente local ressoa no próprio discurso oficial do Muhpan, quando afirma que:

O ambiente pantaneiro é um grande cenário onde atuaram e ainda atuam diversos grupos humanos, construindo sistemas adaptativos parecidos ou profundamente desiguais, tomando contato entre si, competindo pelo domínio do território e seus recursos, efetivando alianças, miscigenando-se, trocando experiências, tecnologia e conhecimento, processos que resultaram no atual panorama sociocultural de tamanha pluralidade. (MUHPAN, s/d, doc. eletr.).

A idealização do Museu de História do Pantanal conta com generosas pitadas de ousadia, principalmente, pela aspiração em torná-lo um representante da história regional do Pantanal, um território de diferentes culturas e diversas histórias. O Museu, sem dúvida, transformou-se num importante vetor social, especialmente, para os cidadãos corumbaenses, pois permitiu que a sociedade se (re)aproximasse e atribuísse novos sentidos às tradições e à cultura da região do Pantanal.

Assim, conforme o propósito deste estudo, os subcapítulos seguintes avaliam como as ações educativas e a expografia do Muhpan se articulam na execução dos projetos propostos pela Instituição, e, como estas ações operam e significam as diferentes memórias e identidades regionais nos discursos expográficos. Ainda, identifica a função educativa do Muhpan através da análise da hierarquia de sua organização institucional; da composição do Setor Educativo; de temas abordados dentro e fora do projeto expográfico; dos materiais didáticos; do papel do educador no Museu; e do Plano Museológico.

### 3.1 “Dez pantanais”: patrimônio natural e cultural do Pantanal

**Imagem 21:** Imagem aérea do Pantanal do Paraguai



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014

*Nossa viagem não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar.  
A nossa estrada é boiadeira, não interessa onde vai dar.  
Onde a Comitiva Esperança chega, já começa a festa.  
Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás.  
Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai.*

*Tá de passagem, abre a porteira, conforme for pra pernoitar.  
Se é gente boa, hospitaleira, a Comitiva vai tocar.  
Moda ligeira que é uma doideira, assanha o povo e faz dançar.*

*Oh moda lenta que faz sonhar.*

*Onde a Comitiva Esperança chega já começa a festa.*

*Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás.*

*Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai.*

*Ê tempo bom que tava por lá,*

*Nem vontade de regressar,*

*Só vortemo eu vô confessar.*

*É que as águas chegaram em janeiro, descolamos um barco  
ligeiro,*

*Fomos pra Corumbá.*

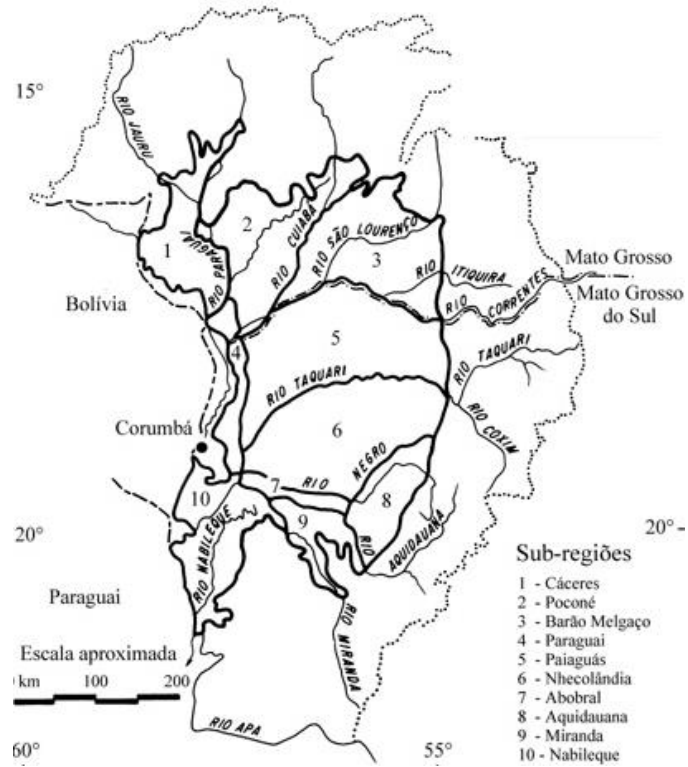
***Comitiva Esperança***

***Almir Sater e Paulo Simões***

Pantanal de Cáceres, Pantanal de Poconé, Pantanal do Barão do Melgaço, Pantanal do Paiaguás, Pantanal da Nhecolândia, **Pantanal do Paraguai**, Pantanal do Abobral, Pantanal de Miranda, Pantanal de Aquidauana e Pantanal do Nabileque. Este é o conjunto de rios que formam o ecossistema dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Todos os “dez pantanais” são referenciados pelo Muhpan, porém, apenas o Pantanal do Paraguai será aqui abordado, por razões de espaço e devido à sua importância para a cidade de Corumbá e para o Museu - foco deste estudo.

A sala “Dez pantanais” foi planejada com o intuito de apresentar ao público a constituição do ambiente no Pantanal, de como se configura o ecossistema e o ciclo das águas na região, pois é “[...] importante, antes de o visitante conhecer a história, conhecer o cenário, onde a história se desenvolveu, onde esse processo histórico aconteceu”. (BORGES, 2014, informação verbal).

**Imagem 22:** Mapa da localização dos dez pantanais



Fonte: Adaptado de SILVA, *et al.* 2000, p. 144.

**Imagem 23:** Sala “Dez pantanais”



Fonte: Haroldo Palo Jr. 2007.



Luz baixa, temperatura amena, imagens vibrantes, música relaxante, cenografia composta por diferentes recursos, como dioramas, imagens, mapas, legendas, textos, objetos, entre outros, que consistem na representação do Pantanal. Estes são alguns dos elementos sensoriais que compõem a sala “Dez pantanais”. É também considerada a sala preferida e mais lembrada pelos visitantes. A representação do ambiente natural está por todas as partes: no chão e nas paredes da sala. Poesia, fotografias e réplicas das espécies de peixes do Pantanal, configuram a expografia.

O rio Paraguai é uma das temáticas mais significativas do Museu. A ocupação da região se deu por meio do rio, assim com as disputas por território, a imigração e as oportunidades de trabalho que impulsionaram a formação da população e o reconhecimento de Corumbá. Entretanto, a sala “Dez pantanais” concentra-se nos elementos da natureza, como a fauna e flora, buscando mostrar que a ação inconsequente do ser humano tem causado danos irreversíveis à natureza e à vida, como o assoreamento dos rios.

Conforme Ketylen Silva (2014, informação verbal), o projeto inicial do Muhpan foi elaborado pelo historiador Carlos Etchevarne, que pretendia provocar no visitante, metaforicamente, a sensação de que estivesse navegando pelo rio: “[...] ele pensou em fazer um museu como se fosse o rio Paraguai e a história passando por dentro desse rio”. Em relação ao discurso expográfico da sala “Dez pantanais”, nas palavras do próprio Etchevarne:

Topografia, hidrografia, ciclicidade sazonal, biologia animal ou vegetal compõem a específica paisagem do pantanal que é apreendida historicamente, na medida em que ela existe ou existiu porque houve observação, identificação, percepção, classificação, nomeação, experimentação, reflexão, utilização e valoração por parte de grupos humanos de todos os componentes dessa geografia. Assim, houve de fato uma domesticação da natureza ou o que é bem dizer uma culturalização do ambiente natural (ETCHEVARNE, 2004, p.9).

Essa “domesticação da natureza” significa a seleção dos elementos que compõem o espaço expositivo e dão o tom na representação do ambiente natural e paisagístico. Segundo Borges (2014, informação verbal):

Na primeira vez você fala: Não! Mas não é o Museu de história do Pantanal? Aí você entra numa sala que tem informações biológicas, geológicas, sobre os animais, sobre a fauna, sobre a flora, mas, se a gente não conhecer a fauna, a flora, o ecossistema e o ciclo das águas, naquela sala você não vai entender como a guerra do Paraguai se deu, por exemplo! Não vai entender porque os índios guatós são tão hábeis em navegação ou porque a arqueologia no Pantanal é diferente da arqueologia nos outros lugares, porque os vestígios arqueológicos são encontrados

em capões de mato que eram os mouros, outros povos indígenas que faziam o seu acampamento, na época de cheia, onde a água não subia, então toda a história que é contada aqui está intimamente ligada com o ambiente.

A sala “Dez pantanais” é o cerne de toda narrativa expográfica do Muhan. Além do discurso expográfico, o Museu conta com diversas ações realizadas nessa sala, sendo algumas destas relacionadas a datas comemorativas. As ações educativas desenvolvidas na sala “Dez pantanais” são: *museaulas*, *Cheia das letras*, *visitas orientadas*, *visita animada* e *oficinas lúdicas*. Datas comemorativas que geraram ações nesta sala referem-se: à Semana do Meio Ambiente, ao Dia Mundial da Água, ao Dia Nacional da Consciência Negra e ao Dia Internacional e Nacional do Livro Infantil.

Uma das ações propostas para a Semana do Meio Ambiente no Muhan, ocorrida em 2012, foi uma *museaula* intitulada “O Rio Paraguai com percurso da história”. O objetivo desta ação foi tomar o rio como cenário pioneiro da história do Pantanal, em cujas margens ocorreram batalhas, e em cujas águas transitaram embarcações que viabilizaram o desenvolvimento da ocupação da região. A *museaula* tinha como enfoque as transformações e ocorrências que configuraram o território por meio do rio, além de sua importância na história, geografia e biologia local. Silva (2014, informação verbal) descreve algumas das dinâmicas que ocorreram durante a programação das *museaulas* na sala “Dez pantanais”:

Com crianças, o que a gente já desenvolveu na sala Dez Pantanais: a gente já fez esses desenhos, trabalho com material reciclado para lembrar que foi na época da Semana do Meio Ambiente, porque a gente retrata aqui (na sala) o rio Taquari e a gente pergunta: porque o rio Taquari está assoreado? Já trabalhamos também com o poema do Augusto César Proença. Já trabalhamos com atividades, como se fossem perguntas e exigissem soluções, a gente pesquisa na internet [temos algumas atividades impressas].

As *museaulas* são desenvolvidas para crianças, jovens e adultos. Seus conteúdos são selecionados de acordo com as intenções do Museu e/ou dos professores, pesquisadores e público em geral, que solicita o espaço para a realização de uma aula/palestra. A Semana do Meio Ambiente é, segundo a coordenadora do Setor Educativo, a única data comemorativa recorrente nas ações do Museu, pois todo ano é estabelecida uma parceria com a Prefeitura de Corumbá para a organização da atividade. Entretanto, a ação pode acontecer tanto no Museu quanto nas praças da Cidade.

No Dia Mundial da Água<sup>9</sup>, uma das ações voltadas a este tema focou nas questões ambientais (Imagem 24). Os visitantes foram desafiados a solucionar problemas como, por exemplo, a destruição da natureza, o desaparecimento de plantas e espécies de peixes nas águas do Paraguai. Ainda, a ação teve foco na valorização da água e na prevenção contra a dengue.

**Imagem 24:** Ação educativa. Semana Mundial da Água.



Fonte: Acervo MUHPAN, 2013.

Borges (2014, informação verbal) revela que a *museaula* foi criada com o intuito de,

[...] trazer os pesquisadores, os alunos do curso de História, os alunos do curso de Biologia, pessoas que pesquisam o Pantanal, que pesquisam a história do Pantanal, para apresentarem suas monografias, terem um espaço. [...] na sala “Dez pantanais” a gente já fez *museaulas* incríveis lá, a gente retira os “bolachões” que tem lá no chão e a gente transforma aquilo numa arena e faz debates, faz cafés filosóficos, faz o que a gente chamou de *museaula*, convida pesquisadores, convida você, por exemplo, quando você terminar a sua pesquisa, uma *museaula* sobre a ação educativa do Museu, o resultado de uma pesquisa, de uma pesquisadora do Rio Grande do Sul. É essa que era a ideia do *museaula*. Um espaço de aula, de bate papo, de conversa, de conhecimento sobre o que você está produzindo. [...] a gente convidava uma escola, um grupo escolar e o professor, o pesquisador vinha e dava aquela *museaula* para aquele grupo específico ou ele já procurava a gente e já trazia o público dele para utilizar o espaço, esse foi o *museaula*.

<sup>9</sup> Esta atividade não é classificada como *museaula*, porém foi realizada na sala expositiva “Dez pantanais” e retrata, de forma educativa, assuntos relacionados aos temas: saúde e Biologia.

Os assuntos que norteiam a *museaula* relacionam-se com os temas e propostas do Museu e com os conteúdos apresentados nos discursos expográficos. O formato e a dinâmica variam de acordo com o público e as intencionalidades, seja do Museu ou das pessoas convidadas para realizarem a ação. As principais características da *museaula* são: teoria, prática e ludicidade.

A ação *Cheia das letras* desenvolvida na sala “Dez pantanais” utiliza-se do espaço como local para a construção de uma experiência prazerosa de leitura, para que os participantes “relaxem aprendendo”. A sala é transformada em um “oceano literário”.

**Imagem 25:** Tardes literárias



Fonte: Acervo MUHPAN, 2012.

Borges (2014, informação verbal) nos descreve como foi o início desta ação:

A gente lotava aqueles bolachões de livros, deixávamos espalhados, propositalmente, e o visitante, sem saber, lia, e nós contratamos estagiários do curso de Letras, duas para serem mediadoras/ledoras e incentivadoras de leituras. E, aí, nós compramos umas cadeiras de varanda, dessas que são típicas daqui do Pantanal, das fazendas do Pantanal, que você abre, é de tecido, espalhamos várias para as pessoas ficarem mais à vontade, almofadas no chão para as crianças lerem e para os pais lerem juntos com as crianças. Adaptamos a iluminação da sala de exposição

para isso. Convidamos, divulgamos na imprensa, tudo, dizendo que tinha esse projeto de literatura infantil e, foi um sucesso.

Além de leituras, a *Cheia das letras* conta com a participação de contadores/letores de histórias. A atividade estimula o gosto pela leitura, mas, para ser realizada, depende, necessariamente, do envolvimento dos professores, pais e familiares; estes para levarem as crianças ao Museu. Esta foi uma das estratégias que o Setor Educativo criou para atrair as famílias da Cidade, tendo em vista o baixo índice de visitação desse público. Essa ação é bem semelhante à *museaula*, no sentido de transformar o espaço institucional em um ambiente de troca, diálogo e interação social. O Museu, assim, rompe barreiras sociais e recria seu espaço, tornando-se mais agradável e acessível, como são os quintais, praças e calçadas da Cidade, espaços “familiares”, utilizados à vontade pela população.

As *visitas orientadas* são um tipo de ação educativa bastante importante, pois são um momento em que podemos ter contato mais direto com as propostas do Muphan e dos museus de modo geral. É por meio das narrativas e discursos nelas apresentados que podemos elucidar as ideias e intenções dos museus.

**Imagem 26:** Visita orientada. Sala “Dez pantanais”.



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014.

Por outro lado, é fundamental que o público esteja aberto para participar do diálogo incentivado pelos educadores dos museus. A Imagem 26 mostra uma turma de estudantes

assistindo a uma mediação, por mim observada, na sala “Dez pantanais”. Durante a mediação, os estudantes se mostravam bastante preocupados em anotar os textos e legendas dos painéis. Lembro-me da conversa posterior que tive com a Professora de Biologia, responsável por essa turma e que os acompanhou durante a mediação. Ela me contou que os alunos tinham ido ao Museu para aprender história regional, sendo o propósito da visita a elaboração de um trabalho final que abordasse todo o conteúdo apresentado pela educadora do Museu. Obviamente, a visita resultou na absorção de conteúdo objetivo. Devido a este propósito anteriormente definido pela professora, os alunos não interagiram com a educadora, que mesmo estimulando e provocando discussões, terminou por apresentar um “monólogo”.

A *visita animada* na sala “Dez pantanais” ocorreu poucas vezes desde a fundação do Museu, porém revelou-se bastante significativa para a abordagem de temas não contemplados na expografia. Como destaca Borges, o intuito da *visita animada* é também o de “[...] contemplar, inclusive, personagens que não estão no projeto original, na museografia” (2014 informação verbal). Temas não incluídos na concepção do Museu, acabaram não contemplados na museografia nem na expografia. Este é o caso da presença feminina no Pantanal.

**Imagem 27:** Visita animada. Revivendo mulheres do Pantanal.



Fonte: Acervo MUHPAN, 2013.

Uma das ações realizadas na *visita animada* foi uma homenagem às mulheres do Pantanal. A visita teve como intuito retratar histórias de mulheres e, nesse caso, das mulheres

pantaneiras no cenário das fazendas, tanto as responsáveis pela comida e pela limpeza quanto as proprietárias e domadoras de animais.

As quatro ações que ocorrem na sala “Dez pantanais” revelam experiências múltiplas; auxiliam na construção e adição do conhecimento sobre alguns dos diversos assuntos inerentes a ciência, história e cultura regional. Uma iniciativa que se constitui em um caráter extramuro, inclusivo e social. Essas ações se apresentam como resposta à sociedade, ao inserir narrativas não apresentadas pelo Museu e, muitas vezes, cobradas pelo público, principalmente pelos próprios corumbaenses. São demandas originadas na própria população local, que quer se sentir representada. A memória na sala “Dez pantanais” é evocada por meio da metáfora do Rio, da representação de personagens, como os índios e pescadores, dos saberes e fazeres, da literatura, dos poemas e poesias de autores regionais. São estes os elementos que estimulam a memória e nos permitem (re)criar histórias.

### 3.2 “Trem do Pantanal”: em cada estação, uma história

**Imagem 28:** Ponte Eurico Gaspar Dutra.

Estrada de Ferro Noroeste do Brasil do Brasil (FENOB)



Fonte: Acervo fotográfico do Muhpan, s/a.

*Enquanto este velho trem atravessa o Pantanal,  
As estrelas do cruzeiro fazem um sinal.  
De que este é o melhor caminho,  
Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra.*

*Enquanto este velho trem atravessa o Pantanal,  
O povo lá de casa espera que eu mande um  
postal.  
Dizendo que eu estou muito bem vivo,  
Rumo a Santa Cruz de La Sierra.*

*Enquanto este velho trem atravessa o Pantanal,  
Só meu coração está batendo desigual.  
Ele agora sabe que o medo viaja também,  
Sobre todos os trilhos da terra,  
Rumo a Santa Cruz de La Sierra.*

***Trem do Pantanal***  
**Almir Sater**

“Trem do Pantanal” é uma exposição intencionalmente localizada num espaço privilegiado do Museu: a mesma sala que, no passado, abrigou o escritório da Comissão Mista Brasil-Bolívia, responsável por administrar a Ferrovia Noroeste do Brasil, que ligava Bauru (São Paulo) à Corumbá e Campo Grande à Ponta Porã (Mato Grosso do Sul). Na parede da sala vemos um mapa de 1947 (imagem 28), representando a ferrovia.

A estrada de ferro do Pantanal foi uma das principais obras realizadas no Estado, no início do século XX; possibilitou a integração econômica da região neste período. O árduo trabalho necessário para sua construção resultou em memoráveis histórias de vida que emocionam muita gente, hoje retratadas nas narrativas do Muhpan. Segundo Borges, esta

[...] é a única sala que tem um olhar sobre o trabalhador, que é um acervo todo doado, inclusive, pelos ex-funcionários da ferrovia e do Sindicato dos trabalhadores da estrada de ferro, então é um acervo do trabalhador, é uma sala que trata da visão não de fazendeiro, de vencedor, nem de bandeirante, nem dos jesuítas, não é uma sala que vitimiza o pobre, é uma sala que enaltece o trabalho. (2014, informação verbal).

Ao observar a visita à sala, constatei a reação do público expressando sua preferência pela sala por meio do olhar, de feições e verbalizações que retratam uma das histórias mais significativas para a população pantaneira. As ações educativas que ocorrem nesta sala são: *visita orientada* e *visita animada*. A *visita orientada* não difere da proposta original, o acolhimento aos visitantes, e não é realizada de maneira diferente da dos outros espaços expositivos. Porém, mesmo sendo uma visita, seja ela orientada ou não, a sala é considerada pelos visitantes uma viagem no tempo e na memória, principalmente por aqueles que fizeram parte da construção da ferrovia.

**Imagem 29:** Sala expositiva *Trem do Pantanal*.



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014.



**Imagem 30:** Mapa na sala expositiva “Trem do Pantanal”.



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014.

**Imagem 31:** Sala “Trem do Pantanal”.



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014.

As janelas dos vagões que dão acesso à paisagem durante as viagens de trem, são aqui substituídas por televisões, com cenas gravadas da vista dos vagões acompanhadas do som da locomotiva. A imaginação flui com facilidade e a experiência sensorial permite que se (re)construa, naqueles que não conhecem ou não tiveram oportunidade de utilizar esse meio de transporte, o espaço e a história na memória.

A ideia da *visita animada* nesta sala foi também a de “reviver” personagens que participaram e marcaram tal acontecimento, assim como, o maquinista, a vendedora de chipa<sup>10</sup>, o chefe de estação, o bilheteiro, os passageiros ricos e pobres são retratados nos quadros cênicos da ação. A *visita animada* é realizada pelos educadores do Museu com o auxílio de um teatrólogo que, desde a concepção da ação, auxilia com o figurino, nas falas e no desenvolvimento corporal dos educadores/atores.

**Imagem 32:** Personagem. Chefe de estação.



Fonte: Silvio Andrade, 2010.

---

<sup>10</sup> Salgado típico da região do Paraguai, feito com polvilho e queijo. É semelhante ao pão de queijo, porém difere no sabor e no formato, que lembra a lua em sua fase crescente.

**Imagem 33:** Personagem. Vendedora de Chipa.



Fonte: Acervo MUHPAN, 2013.

[...] com a ajuda do [teatrólogo] Salim, ela [a visita animada] acabou se tornando uma coisa interativa, porque as pessoas [os educadores] que fizeram, estudaram e pesquisaram seu personagem e o incorporaram. Eles conversam como se tivessem na época, eu acho que isso que é uma coisa interessante. Uma coisa é você se vestir e ficar na sala, e outra coisa é você interagir com a pessoa e você estar naquela sua época, você estar representando aquilo para o visitante e ele todo impressionado. (SILVA, 2014, informação verbal).

A *visita animada* é vista pelo público visitante como a maior atração do Museu. Com muito senso de humor, a ação estimula a curiosidade, a interação e a diversão. Meneses (1994, p. 35) denomina a teatralização nos espaços museológicos de “disneyficação do passado”. O termo cunhado pelo autor chama a atenção para as ações que retratam personagens e fatos históricos como se fossem criação do tempo presente. A crítica refere-se ao fato de que a teatralização não se atém aos fatos históricos e “reforça a ilusão de que conhecimento e observação (percepção sensorial) se recobrem”.

A teatralização é vista, nesse caso, por Meneses (1994), apenas como celebração, espetáculo, pois banaliza o conhecimento, diferentemente do que propõe com o que chama de “Laboratório da História”, concepção que inspira, estimula e propõe articulações do público com as narrativas, objetos e acervos, tendo como finalidade a reflexão e o conhecimento.

Se a ação permite despertar a atenção e o interesse dos visitantes, fazendo com que estes ocupem os museus, mesmo que seja por entretenimento, considero este um passo importante para ampliar a relação do público com o Museu. Este é o ponto a ser trabalhado, pois, a partir da aproximação, é possível criar laços mais duradouros. Contudo, é, sem dúvida, fundamental que os museus não coloquem os holofotes somente nas histórias dos heróis, mas busquem um diálogo que provoque, em cada contexto, as circunstâncias que privilegiaram alguns e “esqueceram” outros.

Flutuando no imaginário, recordando no presente, conhecendo construtores, trabalhadores, viajantes, ofícios e histórias. A sala “Trem do Pantanal” descortina, reproduz e revela atores sociais adormecidos pelo tempo e obstruídos com a paralisação do comboio.

### 3.3 “Guerra contra o Paraguai”: entre lutas e destroços salvam-se as memórias

**Imagem 34:** Maquete: A retirada da Laguna



Fonte: MUHPAN, 2007

*Mato Grosso encerra,  
em sua própria terra,  
Sonhos guaranis.*

*Por campos e serras,  
a história enterra,  
uma só raiz.*

*Que aflora nas emoções,  
E o tempo faz cicatriz,  
Em mil canções,  
Lembrando o que não se diz.*

*Mato Grosso espera  
esquecer quisera,  
O som dos fuzis.*

*Se não fosse a guerra,  
Quem sabe hoje era  
um outro país.*

*Amante das tradições  
de que me fiz aprendiz,  
Em mil paixões  
sabendo morrer feliz.*

*E cego é o coração que trai,  
Aquela voz primeira que de dentro sai.  
E às vezes me deixa assim. Ao revelar que eu  
vim  
da fronteira onde o Brasil foi Paraguai*

**Sonhos Guaranis  
Almir Sater e Paulo Simões**

A exposição “Guerra contra o Paraguai”<sup>11</sup> representa um fato histórico de importância nacional. Seu objeto fez Corumbá, no século XIX, adquirir visibilidade e prestígio. A Guerra<sup>12</sup>, ocorrida entre 1864 a 1870, foi marcada por disputas de território nas fronteiras entre Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai.

Brasil, Argentina e Uruguai se uniram num acordo conhecido como Tríplice Aliança, para contra atacar o Paraguai. Corumbá foi um dos palcos deste conflito e chegou a ser ocupada pelos paraguaios, mas retomada em 1867 por Antônio Maria Coelho<sup>13</sup>, que virou herói ao recuperar a Cidade das mãos dos inimigos. Atualmente, o acontecimento é celebrado anualmente pelo exército e atividades culturais são realizadas pela Prefeitura e pelo Muhpan, como datas comemorativas que afirmam memórias e identidades.

Para o Muhpan, assim como para figuras importantes de instâncias do setor cultural, essa exposição se insere na esfera mais importante dos discursos do Museu e que tal evento, possuidor de grandes virtudes, é merecedor de um projeto específico:

De acordo com o presidente do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) Luiz Fernando de Almeida a inauguração do MUHPAN permitirá que se conheça a História do Pantanal. “o museu conta a história da relação do homem com o Meio Ambiente, como ela se procedeu desde oito mil anos atrás até hoje, ocupação que o homem teve dentro desta natureza tão exuberante“. Ele reforçou a importância do espaço para a memória e cultura da região, “falamos na preservação do patrimônio, mas para que isso aconteça é preciso que o conheçamos, apostamos que o museu seja um grande instrumento para o povo corumbaense”, diz. Para o presidente a parte mais rica do museu é o acervo referente à Guerra do Paraguai. (AQUIDAUANA NEWS, 2008, doc. eletrônico).

Ao entrar na sala expositiva, a primeira coisa que se observa é um dos principais objetos utilizados na guerra: a espada. O apelo expositivo desta sala está na maquete do campo de batalha, que representa o conflito entre paraguaios, brasileiros e índios que lutaram a favor do Brasil, caracterizados por bonecos em miniatura.

---

<sup>11</sup> O Muhpan denomina esta sala de três maneiras: “A grande guerra no Sul de Mato Grosso”, “Guerra contra o Paraguai” e “Guerra do Paraguai”. Optei pela segunda denominação, conforme descrição apresentada no Projeto Expográfico do Museu.

<sup>12</sup> A esse respeito, ver também: DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra. **Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

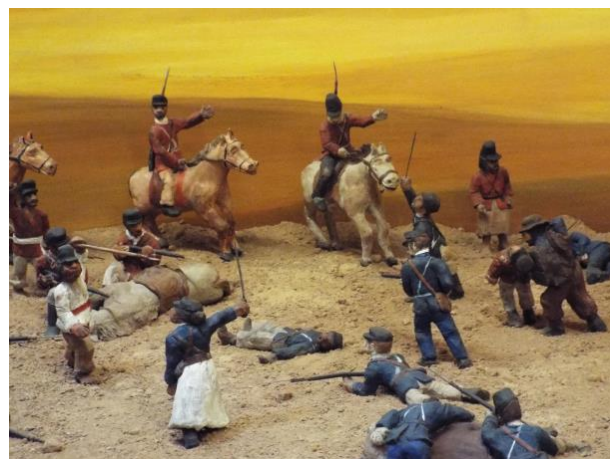
<sup>13</sup> Barão, militar e político brasileiro.

**Imagem 35:** Sala expositiva “Guerra contra o Paraguai”.



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014.

**Imagem 36:** Cenas do conflito. “A retirada da Laguna”.



Fonte: Acervo pessoal/Lilian Fontanari, 2014.

A cena retratada na maquete representa o ataque dos soldados brasileiros à região paraguaia de Laguna. O fato é conhecido como um grande erro, pois os brasileiros desconheciam o território, o que resultou em fome, doenças e morte de mais de dois mil soldados. As ações do Museu nessa sala são as mais diversas: visitas orientadas, visitas animadas, museaula, oficinas lúdicas e atividades relacionadas a datas comemorativas.

A visita orientada é a ação que mais ocorre. Os educadores buscam fomentar debates sobre a Guerra ocorrida em Corumbá, muitas vezes desconhecida dos visitantes, sejam eles moradores ou não da Cidade. Observando uma visita orientada, pude compreender como é desenvolvida a ação. A educadora fazia perguntas ao grupo de jovens estudantes, como, por exemplo, “você sabiam que aconteceu uma guerra em Corumbá?”, “Vocês sabiam que foi a partir das assistências prestadas pelas mulheres aos feridos nas guerras que surgiram às enfermeiras?”. Ancina (2014, informação verbal) relatou-me como vinha realizando suas orientações na sala “Guerra contra o Paraguai”:

Na sala da guerra do Paraguai, eu gosto de trabalhar muito com as mudanças da tecnologia, pergunto como é feita a guerra, tento mostrar o tipo de armamento e pergunto se essas são as mesmas de hoje, o que se usa hoje, falo sobre o efeito de destruição. Quando oriento os maiores, procuro falar sobre o que está acontecendo na atualidade, eles dão exemplo da guerra que está acontecendo na faixa de gaza, e eu pergunto: porque será? Como está sendo essa guerra? Quem está sofrendo? Então, eu sempre procuro trazer para a nossa atualidade, para as mudanças que ocorreram com o passar do tempo.

Ao encontro do discurso anterior, Ribeiro (2014, informação verbal) nos explica de que forma suas orientações são realizadas nesta mesma sala:

Vários nomes que a gente vê na guerra do Paraguai estão nos nomes das ruas daqui de Corumbá, como Porto Carreiro, Cunha e Cruz, Antônio Maria, Antônio João... Eu sempre procuro falar de como foi a guerra, de quem participou, quantos anos durou, o que ocorreu após a guerra, falo das misturas, negros, índios, paraguaios e o que isso trouxe de herança, o que deixou para os nossos costumes atuais, na culinária, vestimentas, modos de falar. Sempre busco contextualizar, falando o que aconteceu e como está no presente.

Interessante notar que, em ambas as falas, a preocupação das educadoras está em apontar diferentes questões e elementos que servem de reflexão, problematização e análise não só a respeito da Guerra, como também do que este acontecimento trouxe para o cotidiano, fazendo relações entre presente e passado, ou seja, priorizando e considerando contexto, tempo e espaço. Ainda, por meio dos objetos buscam explorar e debater outros temas, lugares, culturas e transformações urbanas e globais.

A Guerra contra o Paraguai é abordada em outros eventos relacionados ao Museu, como na comemoração dos 30 anos da Fundação Barbosa Rodrigues, mantenedora do Muhpan. O mês escolhido foi Junho, mês em que se comemora o Dia Mundial do Meio Ambiente. A proposta do Museu foi relacionar o rio Paraguai com diversos acontecimentos históricos ocorridos em suas margens. Por meio de uma *museaula*, o objetivo foi apresentar o rio Paraguai como fonte de história e memória da região, incluindo fatos que ali ocorreram, como a guerra contra o Paraguai.

**Imagem 37:** Visita animada. Confronto entre soldados



Fonte: MUHPAN, 2012.

Outro evento que fez referência à Guerra foi a celebração da batalha do Riachuelo, em 11 de junho, marcada por uma *visita animada* denominada “Guerra no MUHPAN”. Nesta atividade, educadores se caracterizaram de soldados paraguaios e brasileiros e encenaram uma luta. Os personagens interagem com os visitantes pedindo-lhes informações. Na sala expositiva, a trilha sonora neste dia era o som de bombas, juntamente com correrias e muito alvoroço. O público deveria se juntar aos soldados e lutar por sua pátria. Uma personagem de destaque nesta História foi Guia Lopes. Conhecido como o “herói do exército brasileiro”, teve o papel, na *visita animada*, de ajudar os soldados-visitantes a encontrar caminhos, percorrer rios, montanhas, realizar os percursos que argentinos, brasileiros, índios, negros, paraguaios e uruguaios fizeram. Após a Guerra, a população da Cidade aumentou, com a instalação de muitos imigrantes na região. Ainda nesse período, Corumbá foi contemplada com a criação de estabelecimentos públicos e privados, o que permitiu a sua organização urbana.

Observando a maquete “A retirada da Laguna”, nota-se que a mesma não representa apenas as figuras dos “heróis”, mas também revela a participação dos índios que lutaram ao lado dos soldados brasileiros. Sabe-se que muitos negros faziam parte das tropas paraguaias, no entanto, não foram incluídos nesta exposição e nem nas ações educativas relacionadas a esta temática.



A exposição, de modo geral, reforça e reafirma memórias de homens-heróis que tiveram papéis importantes em suas missões de combate, como também exibiu objetos emblemáticos, representantes de vitórias, como espadas e armas de fogo. As ações realizadas nessa sala têm o poder de fomentar discussões, através das cenas, personagens e objetos, para que o público possa recriar a história da Guerra contra o Paraguai, e, dessa forma, compreender que tal acontecimento faz parte de um processo amplo, inserido nas esferas política e cultural, sendo seus desdobramentos definitivos para a construção das identidades e memórias pantaneiras.

### **3.4 Do caráter à função educativa: uma complexa operação entre sujeitos, conceitos e método**

Com base nas exposições e ações educativas apresentadas neste estudo, é possível identificar algumas características gerais que definem a função educativa do Muhan. Nesta parte do trabalho, procuro mostrar de que forma estas características estão intimamente relacionadas com a estrutura organizacional do Museu (Anexo A), bem como, os temas privilegiados pela Instituição, os projetos, programas, incluindo o papel do educador e os conceitos que norteiam as ações, podem ser compreendidas a partir desta estrutura. Cabe observar, complementarmente, que são pessoas, cada uma com uma história de vida, formação acadêmica, e compreensões de mundo singulares, que fazem parte desta “estrutura”.

O Museu de História do Pantanal foi inaugurado em 2008, tendo, seu Setor Educativo, sido estruturado durante os primeiros seis meses de existência. As ações que embasam este estudo foram definidas nos primeiros anos da Instituição, entretanto, com a mudança da coordenação do Setor, há três anos, estas foram reformuladas e readaptadas pela atual coordenação.

O edifício Wanderley, Baís e Cia que abriga o Museu possui uma área total que equivale a 1.700 m<sup>2</sup>. O prédio é dividido em dois andares e ocupados por um circuito expositivo que apresenta vinte e dois temas - relacionados à ocupação humana no Pantanal, além de um auditório, uma biblioteca e sala lúdica - em espaços separados nas áreas de exposição. Até início de 2013, o Museu realizava, com maior frequência, as sete ações socioeducacionais divulgadas como oficiais, porém, com a mudança da coordenação do Setor Educativo e por conta de novas demandas de trabalho do Museu - como a execução de outros projetos, as

ações receberam novo formato e intenções. Atualmente, o Setor conta com o apoio de sete pessoas: um responsável pela coordenação e seis educadores.

A gestão do Museu é realizada por um dos colaboradores da Fundação Barbosa Rodrigues, fundação responsável por sua administração. A atual coordenação do Setor Educativo realiza ações pontuais, desenvolvidas para celebrar datas comemorativas, relacionadas ou não com os temas retratados pelo Museu - como é o caso das ações criadas para suprir temas não contemplados no projeto expográfico. Os projetos maiores são desenvolvidos, fornecidos e encomendados pela FBR ou por empresas e/ou instituições culturais parceiras.

Os temas trabalhados pelo Museu são diversos, no entanto, a seleção do discurso expográfico não aborda, por exemplo, o papel da mulher em diferentes esferas, como, por exemplo, a lida com a terra e o gado, a preparação das principais festas tradicionais, entre outros. Também não conta a história do negro, suas contribuições marcantes na arquitetura, culinária, nas danças e nas artes da região. As transformações urbanas, sociais e culturais ocorridas com a exploração de minérios em Corumbá, e as feiras livres - atividade tradicional de muitas décadas que acontece todos os dias da semana, da qual participam homens, mulheres, jovens e crianças, tanto brasileiros como bolivianos -, são também temas bastante significativos na sociedade pantaneira e ocultos aos olhos de quem visita o Museu.

Pensando em preencher alguns desses temas que encontramos no vazio e no silêncio da expografia, o Setor Educativo do Museu criou ações específicas como estratégia para reparar o que os profissionais do Museu chamam de “erro”, uma falha que incomoda, um silêncio que provoca mal-estar:

Isso grita no meu ouvido até hoje, mesmo não trabalhando mais no Museu, mas, fazendo parte da Fundação eu ainda acho que um dia tem que conseguir um recurso para repensar e inserir a participação dos negros, da população africana, afrodescendentes, na história da ocupação humana no Pantanal... [...] A construção do casario, esse casario tombado pelo IPHAN, só lembram dos arquitetos italianos, mas esquecem da mão de obra, em sua maioria, negros também, então é um vazio! (BORGES, 2014, informação verbal).

[...] esse Museu tenta retratar a história do Pantanal. Se ele é um museu de história do Pantanal, ele deveria contar por igual a história do MS e MT. Não sei se você percebeu, mas aqui conta muito a história do MS. Então a gente peca nisso. A gente vê que o olhar do historiador foi bem voltado para essa região. Você encontra muito pouco sobre a história de Aquidauana... As pessoas, muitas vezes, confundem, elas acham que é um museu de história de Corumbá, mas também você não vai encontrar muita coisa aqui sobre Corumbá! [risos]. Aí, a gente vai tentando suprir essas necessidades, mas é bem difícil! Na verdade, a gente teria que reformular o todo, não adianta só ficar na fala! (SILVA, 2014, informação verbal).

Alterar a expografia demandaria a aprovação e intenção de outras instâncias, com isso, as ações educativas no Museu assumiram um importante papel: suscitar memórias esquecidas e destacar culturas minoritárias.

Além das ações específicas complementares aos temas da expografia, as *museaulas* são construídas com conteúdos referentes à cultura local. Em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, o Setor Educativo realizou uma *museaula* com o objetivo de abordar a contribuição dos negros para a região.

**Imagem 38:** Dia Nacional da Consciência Negra.



Fonte: Acervo MUHPAN, 2012.

A Imagem 38 registra o encontro entre capoeiristas da Cidade e o público escolar no espaço do Museu. A *museaula* teve o propósito de inserir a cultura do negro no Museu, para que os visitantes pudessem conhecer uma das expressões culturais afro-brasileiras mais conhecidas dentro e fora do País. Silva (2014, informação verbal), em seu depoimento sobre esta ação, relata que:

O Museu peca muito por não contar essa história, como se o negro não existisse, e o que a gente faz para tentar suprir isso? Eu pensei em chamar o pessoal do cordão de ouro – da capoeira, os alunos fizeram todas as atividades e nós tentamos fazer aonde que o negro entra na história do Pantanal, isso um estudo bem por cima, porque a

gente sabe que para conhecer tem que ser um estudo científico e ler muita coisa. Aqui no Museu a gente não tem estudos aprofundados, pesquisas aprofundadas, ainda é uma coisa mais superficial. Para chegar a uma conclusão mais próxima da verdade absoluta a gente tem que ler muita coisa, debater fontes, mas a gente tentou. Tentamos mostrar aonde entra a história do negro, e com o lúdico, o pessoal fazendo o gingado da capoeira. A gente ressaltou e tentou tirar essa falha que o Museu tem de não contar essa história.

Ações foram criadas pelo Setor Educativo não só com o intuito de “instruir” e “divulgar” os saberes, fazeres, histórias e memórias dos negros e das mulheres, mas com o propósito de tencionar assuntos que foram cortinados e hoje se encontram formalizados em atividades tais como *visita orientada*, *visita animada*, *museaula* e atividades relacionadas a datas comemorativas. A própria *museaula* é uma estratégia que desvenda os saberes compartilhados de personagens da sociedade local, questiona e dá vida a temas esquecidos, propõe reflexões e estimula a sensibilização do olhar para o outro.

A música e dança capoeira nos lembra da própria arte expressiva regional, que raramente ressoa no Museu. A ação educativa *Cheia das letras* busca promover viagens imaginárias nas histórias literárias. Ao realizar este estudo, percebi que esta ação na sala “Dez pantanais” poderia ser composta por mais um elemento: a música regional. Aproveitando espaço e compartilhando objetivos, a *Cheia das letras* poderia incluir também letras de músicas e as próprias músicas que fazem parte do imaginário pantaneiro e retratam o cenário paisagístico, histórico e cultural da região.

A dimensão lúdica e expressiva da cultura pantaneira é outro aspecto que não faz parte do plano expográfico do Museu, embora venha sendo complementado por meio das ações educativas. A *visita animada*, por exemplo, foi pensada para atrair estudantes e trabalhadores que só podiam visitar o Museu à noite. A ação acabou sendo promovida para além do seu público alvo e conquistou a população corumbaense. Fica claro, por meio das análises, que esta atividade tem um cunho recreativo, de celebração, mas que também informa e desperta a curiosidade. A *visita animada*, no entanto, não é realizada com frequência, tendo em vista o seu alto custo, decorrente da preparação dos educadores com um teatrólogo, indumentária e promoção da ação através da mídia.

Dito isto, parece evidente que a Educação Patrimonial é o fio condutor das ações nesse Museu. O Muhpan a define como uma ação de referência na região:

[...] atendendo à população local e regional este espaço tornou-se centro de referência de Educação Patrimonial, desenvolvendo ações educativas e culturais com o objetivo de despertar atitudes preservacionistas na juventude local. Estimulando a todos e a todas a se apropriarem do patrimônio musealizado e se utilizarem do mesmo em proveito de seu desenvolvimento socioeconômico e de uma construção identitária real e historicamente construída.

Assim, o museu de História do Pantanal constituiu-se em um epicentro de ações onde são preparadas as diretrizes que conduzam projetos de Educação Patrimonial e de políticas preservacionistas regionais em parceria com Secretarias de Educação e Cultura e com o escritório regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN. (MUHPAN, 2010, p.8)

Uma das ações de Educação Patrimonial foi a oficina de viola-de-Cocho<sup>14</sup>, oferecida pelo Museu em parceria com a Prefeitura de Corumbá, com o mestre Seu Agripino Soares de Magalhães, conhecedor da música popular regional e um dos poucos conhecedores vivos deste saber-fazer (Imagem 39, à esquerda).

Esse saber-fazer é, desde 2005, Patrimônio Cultural do Brasil, e o modo de fazer a viola-de-Cocho está registrado no Livro dos Sabres do IPHAN. Como forma de manutenção dessa tradição, o Muhpan e outras instituições culturais da região organizam eventualmente oficinas e cursos para que os jovens conheçam, valorizem e perpetuem sua arte e cultura mundo à fora.

---

<sup>14</sup> Viola-de-cocho é um instrumento musical de forma e sonoridade *sui generis* produzido na região da bacia do Rio Paraguai - baixada cuiabana e adjacências - nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Destaca-se como um instrumento fundamental nos gêneros musicais cururu e siriri, cultivados, sobretudo, em manifestações culturais ligadas à religiosidade e à brincadeira. É produzida de modo artesanal e, tradicionalmente, com matérias-primas extraídas da natureza - da fauna e da flora do pantanal e do cerrado. Mais informações disponíveis em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3653>>. Acesso em 16 de set. de 2014.

**Imagem 39:** Oficina Ponto de Cultura Viola de Cocho



Fonte: Acervo institucional Muhpan, 2010.

A viola-de-Cocho embala as danças tradicionais da região, como o siriri<sup>15</sup>, música-dança típica realizada em festas e/ou comemorações religiosas. O Museu realizou também uma oficina de dança do siriri para a comunidade escolar. Mais uma vez, surge a preocupação com a valorização e a apropriação da cultura pantaneira.

---

<sup>15</sup> O siriri é uma dança de pares, em geral casais, e um gênero musical no qual são utilizados três instrumentos da região de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: viola-de-cocho, ganzá e tamboril ou mocho. É dançado principalmente por mulheres, e tem lugar nas festas católicas ou em outras ocasiões de divertimento e/ou devoção, inclusive no carnaval e festivais durante todo o ano. Mais informações disponíveis em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3653>>. Acesso em 16 de set. de 2014.

**Imagem 40:** “Ponto de Cultura - crianças aprendem cantigas e passos do Siriri”



Fonte: Acervo institucional Muhpan, 2010.

[...] a gente teve um projeto aqui, que foi uma museaula, os alunos aprenderam sobre patrimônio, aí eles conheciam o casario do Porto, eles conheciam o Museu pelo olhar do patrimônio, conheciam as pinturas e, no final, tinha viola-de-Cocho. Aí, vinha a parte de vídeo, de aula, de cocho... Quando eles desciam, tinha o pessoal da oficina de dança para ensiná-los a dançar o cururu e o siriri. Esse projeto foi da Prefeitura em parceria com o Museu, então a gente pode gostar mais. Os alunos tiveram indumentária, aprenderam o cururu que é uma coisa bem tradicional da região. Foi bem interessante! Foi uma coisa que misturou bem teoria com prática. Foi uma coisa bem organizada. Foi realizada aqui, na sala Dez Pantanaís. Veio o Seu Agripino que é uma referência da viola-de-Cocho, foi maravilhoso! (SILVA, 2014, informação verbal).

Podemos identificar a importância que a Instituição atribui à tradição ao realizar ações a fim de reforçar, perpetuar e valorizar o saber-fazer da dança e da música regional. Os principais transmissores de costumes e da cultura são os mais antigos. Por meio do diálogo e do experimento, a nova geração de jovens tem oportunidade de conhecer e/ou (re)significar as práticas que têm potencial para identificar e dar sentido à história e à cultura de cada região.

Para isso, conforme um dos propósitos do Programa educativo, o Museu oferece aos professores de instituições escolares cursos de capacitação sobre como utilizar, desenvolver e aplicar ações concernentes às temáticas do Museu, com seus alunos. Além disso, oferecerem materiais educativos que servem de subsídio para futuras aulas e projetos intra ou extraclasse. O público potencial do Muhpan é o escolar, e, conforme Borges (2014, informação verbal), esta foi uma escolha proposital, uma vez que,

[...] Quando eu cheguei aqui eu vi que esse Museu tinha uma vocação incrível pra educação. Ele é um museu educativo! E por isso, a gente potencializou mais ainda e deu muita ênfase ao Setor Educativo. Segundo, porque o turismo em Corumbá não é um turismo cultural e nem um turismo que se interessa por história, ainda. [...] Então, o nosso foco era primeiro nas escolas, porque criança é o melhor divulgador de um evento ou de uma situação. [...] nosso público alvo é o escolar e a comunidade em geral, depois a gente começou a pensar em oficinas para trazer mães, principalmente, familiares que moravam na região.

**Imagem 41:** Materiais educativos Muhpan



Fonte: MUHPAN, 2014.

O trabalho desenvolvido pelos educadores do Muhpan consiste basicamente na recepção do público visitante, e no auxílio em atividades museológicas, tais como higienização e catalogação de acervo. Em entrevista realizada com os educadores, os questionei se eles se viam como educadores de museu, e, em caso afirmativo, o que fez com que eles percebessem isso. Entre suas respostas destacam-se o seu papel como educador no Museu:

Eu acredito em dom! Quando você não gosta, não adianta. Ou você vai fazer mal feito ou você não vai ficar. Então, eu acredito que todos têm dons. O dom de educar, o dom de falar, o dom de se comunicar. Você tem que ter muita paciência, uns vão em um ritmo mais devagar para você orientar, outros... São pessoas diferentes, de



classes diferentes, lugares... [...] têm visitantes aqui que te tratam super bem, outros já não querem muita conversa e você tem que saber dosar, então tudo é uma questão de paciência e para você fazer esse tipo de trabalho tem que ter um dom, eu pessoalmente acredito nisso! Eu me vejo uma educadora! Que pena que já está terminando! E isso eu vou levar comigo! [...] Todo educador quando sai [do museu] é muito triste! É como estivesse cortando um cordão umbilical, nossa! (ANCINA, 2014, informação verbal.).

Eu me senti um educador quando uma criança me chamou de professor. Ela me fez sentir que eu estou ensinando alguma coisa, que estou repassando alguma coisa. [...] não é todo mundo que vai estar com os ouvidos abertos para mim. Quando eu ouvi isso, nossa, foi muito gratificante. Você está fazendo algum papel na vida dessa criança. (COSTA, 2014, informação verbal.).

Pelo relato dos educadores, podemos claramente perceber o entusiasmo e o interesse pelo papel que exercem no Museu, além da convicção de que podem fazer ou fizeram alguma diferença no modo de pensar e ver dos sujeitos. Isto talvez tenha a ver com o fato de que, no que tange aos projetos culturais da Instituição, os educadores e a coordenadora do Setor Educativo têm autonomia para implantar e realizar ações pontuais, como é o caso das atividades relacionadas às datas comemorativas.

A partir das análises dos materiais impressos, identifiquei que o Muhpan, assim como outras instituições museológicas, trata a mediação como sinônimo de ação educativa. Conforme mencionado, a ação de orientar o público no Museu é a mais desenvolvida pelo Setor Educativo. No caso do Muhpan, o tratamento e o termo utilizado para se referir à ação educativa torna-se um tanto restrito mas, na prática, pude constatar, por meio da observação, que os educadores procuram dialogar bastante com os visitantes.

Em relação à estrutura organizacional de um museu, Figurelli (2013, p. 57) nos relata que:

A partir de diferentes justificativas, a função educativa vem sendo utilizada ao longo dos anos para validar a utilidade social das instituições museológicas. Entretanto, a forma de entendê-la e aplicá-la varia bastante, sendo reflexo do posicionamento político e ideológico dos profissionais que atuam em museus e também dos conceitos que adotam e transparecem nas ações. Limitado à teoria, centrado na prática, restrito ao setor educativo, articulado aos diversos setores, direcionado ao público escolar, estendido aos múltiplos públicos... são diferentes as maneiras de interpretar e implementar o potencial educativo presente nos museus. Na maioria das vezes, a implementação do seu potencial educativo está em sintonia com os interesses e as diretrizes assumidos pela instituição, transparecendo a identidade e os valores da organização. E são os profissionais dos museus que assumem esse posicionamento e definem qual conceito de Educação desejam praticar na instituição: se é uma Educação estilo monólogo – em que o mediador é o detentor do conhecimento e, portanto o único a expressar suas ideias –, ou se é uma Educação

dialógica – composta por múltiplas vozes que interrogam e constroem conhecimentos coletivamente.

A autora esclarece que a função educativa de um museu está intimamente ligada com as tomadas de posições, intencionalidades, missão, objetivos, usos de conceitos que determinam a constituição das ações, público alvo, isto é, um leque de elementos que nos auxilia a compreender e identificar que papel educativo uma instituição desenvolve. A função educativa do Muhpan se relaciona com alguns dos pontos apontados pela autora. O atual formato do Setor Educativo é centrado na organização e prática de ações; suas propostas, em sua maioria, são direcionadas ao público escolar; as decisões, criações e realizações das ações não se restringem ao Setor, - que está em uma posição mais abaixo na hierarquia administrativa -, mas estão predominantemente sob o controle da administração da Instituição.

O Muhpan é, sem dúvida, um importante centro divulgador da história e cultura pantaneiras, ainda mais tendo como propósito contar e representar a história da ocupação humana no Pantanal. Nesse sentido, este estudo propôs-se mapear e diagnosticar as ações educativas do Museu, evidenciando o seu caráter e função educacional.

Ficou evidente que o Museu tem grande preocupação em inserir a Educação no cerne de todas as suas ações, além de oportunizar maior contato com os patrimônios e as memórias locais. De fato, a expografia e as ações do Museu reforçam certas memórias e identidades, tendo em vista que todo museu é uma arena criada com temas pré-selecionados que celebra fatos, homenageia heróis, enaltece acontecimentos históricos, mas também tem potencial para ser um espaço que estimula a recriação, a análise, a problematização histórica, incluindo assim culturas banidas dos centros hegemônicos. Um museu assim é capaz de despertar ideias e fortalecer raízes culturais. Intencionalidade é o que norteia as ações de um museu, resta que esta seja orientada de modo a incluir os diferentes sujeitos e culturas que contribuíram para a formação de uma região e que a Educação seja alicerce e finalidade de todas as práticas educacionais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um grande museu, com grandes ideais. É dessa forma que defino o Muhpan. Contar e representar a história da ocupação humana no Pantanal é um projeto bastante ousado, mas não impossível. O Museu foi idealizado por figuras de destaque na sociedade local, preocupados em preservar patrimônios milenares. No entanto, este é mais um museu que desconectou o setor educativo da curadoria. Buscando promover discussões a cerca da Educação em museus, este trabalho foi construído com a intenção de apresentar e discutir o caráter e a função educativa do Muhpan. Para tanto, me apoiei em autores renomados da área para refletir como se apresenta, mas também como pode vir a ser realizada, a Educação nos espaços museais.

A pesquisa apontou que para abordar e realizar a educação em museus é fundamental que memória, identidade e patrimônio sejam compreendidos e, aplicados, como fontes essenciais do processo de aprendizagem sobre a história e a cultura de uma sociedade. Ainda, mostrou que por meio da expografia, acervos, objetos e das ações educativas, é possível construir, recuperar e reafirmar memórias, além de serem substâncias que estimulam nossas percepções sensoriais. A educação nos museus é capaz de formar ou ampliar nossas capacidades intelectual e cultural, tendo em vista seu princípio e finalidade – oportunizar aos sujeitos conhecerem e compreenderem o desenvolvimento biológico, histórico, social e cultural da vida humana.

Por meio deste estudo, foi possível identificar que o caráter do Muhpan é definido por pelo menos dois modelos: didático e lúdico. Amparando-se nas ações e tomadas de posições do Setor Educativo, o Muhpan se apresenta como uma instituição comprometida com o ensino, a aprendizagem e a ludicidade nas ações destinadas ao seu público.

Em relação às temáticas do Museu, revelam que as memórias e identidades apresentadas na expografia reconstroem e reafirmam um seletivo e limitado conteúdo histórico da ocupação humana no Pantanal. No entanto, as ações educativas, e os conteúdos por elas abordados, com o intuito de mostrar o que a expografia ocultou, permitem que memórias e identidades não incluídas na concepção do Museu sejam reveladas, problematizadas, integradas no campo de representações, evocações e discussões da Instituição.

Ainda, a pesquisa destacou que a memória possui grande potencial para enaltecer ou desmitificar heróis, identidades e patrimônios, dependendo, no entanto, do modo como a instituição opta por trabalhar estas questões; se quer celebrá-las ou desconstruí-las.

A interlocução entre práticas educativas e as salas expositivas reforçam e provocam diferentes interpretações das memórias e identidades enraizadas. O primeiro caso pode ser

constatado por meio das atividades relacionadas às datas comemorativas, como é o caso da “Guerra no Muhpan” e “Batalha do Riachuelo”, que fortalecem o poder das memórias de mártires. Se tais ações tiverem o propósito de problematizar esses acontecimentos, talvez possam ser transformadas, a partir de uma perspectiva mais crítica de educação, em debates amplos que priorizem o conhecimento a cerca dessas questões e deixem de serem apenas ações de cunho recreativo.

O segundo caso é um dos pontos mais enérgicos da pesquisa, pois o Setor Educativo tomou para si a missão de reparar as fendas que existem na expografia do Museu, o que revela o empenho de seus educadores em dar voz e forma aos personagens, histórias, memórias e culturas consideradas por eles importantes, não incluídas na composição dos temas da Instituição em sua exposição de longa duração, o que provoca, nesse caso, diferentes interpretações das memórias e identidades enraizadas e representadas expograficamente no Museu. As ações educativas tornam-se uma tangente para repensar e reconfigurar a expografia do Museu.

Temas referentes ao ambiente natural, a ofícios, trabalhadores, fatos que marcaram o progresso da região, homens-heróis, índios, negros, mulheres, são algumas das memórias afirmadas por meio da expografia ou das ações realizadas no Muhpan.

Para atender demandas internas e externas, é urgente – porém já confirmado pela equipe do Museu – a ampliação de seu quadro de colaboradores, tendo em vista os problemas que podem ocorrer com a falta de apoio técnico para a realização das ações.

Defendo que as instituições museológicas necessitam lançar um olhar mais sensível para o micro ambiente, para o espaço interno, oportunizando a participação efetiva de todos os colaboradores nos programas, projetos e ações que são pensados, muitas vezes, por poucos profissionais. No entanto, não se trata apenas de dar oportunidades e estimular os trabalhadores a se engajarem em ações para além do seu *metiê*, das suas tarefas básicas, mas sim compreender que a qualificação e a capacitação das equipes, necessariamente, precisa se tornar um dos principais objetivos de todo museu.

Outro fator que causa bastante aflição a esta autora é a questão da pesquisa nos museus. A pesquisa deve ser pensada para além da inserção de novos dados aos acervos, no sentido de servir como um suporte essencial para fundamentar os conteúdos que o Museu pretende abordar; trata-se de uma mudança no modo de ver e pensar a pesquisa como uma necessidade imediata, requisito elementar que deve estar incluído em todas as ações de um museu.

Mesmo sendo bastante debatida, a teoria é parte essencial de qualquer trabalho educacional. Qualquer prática depende de seus suportes teóricos. Se não há um esforço conjunto entre a equipe de educadores e os outros setores que compõe a Instituição, por que razão desenvolver pesquisas e leituras sobre acervos e ações? Que papel social e educacional está sendo desenvolvido? Contudo, isto não se restringe às intenções organizacionais das instituições, mas ao empenho e seriedade de todos os envolvidos com o fazer museal.

A partir das análises realizadas, sugiro que a formação e capacitação dos colaboradores do Muhpan sejam tratadas como ações fundamentais. Os variados temas apresentados pela Instituição suscitam estudos e pesquisas sobre diversos assuntos que podem resultar em ações profícuas. Além disso, sugiro que seja promovida a participação efetiva dos educadores nas propostas e projetos do Museu, uma vez que o contato direto que têm com o público e com as atividades educativas lhes garante uma percepção privilegiada dos mesmos, e, da mesma forma, condições de fornecer valiosas sugestões para o seu aperfeiçoamento.

Além disso, seria fundamental tornar sistemáticos os encontros entre equipe de educadores, coordenação do Setor Educativo e gestor do Museu. Mesmo que a gestão encontre-se a mais de 300 km de distância do Museu, é possível realizar reuniões por vídeo conferência, o que solucionaria um dos pontos desfavoráveis do Muhpan.

Muitas das instituições museológicas conseguem dar “vida” aos projetos e ações somente quando participam de editais que viabilizam recursos para a cultura, a pesquisa e a salvaguarda de acervos, como é o caso Muhpan. Para tanto, torna-se imprescindível a capacitação das equipes na elaboração de projetos culturais.

Mesmo o Muhpan não sendo um museu da cidade de Corumbá, ele ocupa um espaço significativo na Cidade e na vida da população, portanto, faz-se necessário que repense e reconsidere seus temas, incluindo, por exemplo, a história da Mineração que fez de Corumbá um importante centro produtor de minério no século XIX, a culinária, e questões gerais de intercâmbio cultural entre diferentes grupos étnicos e nacionais que envolvem praticamente todas as práticas culturais pantaneiras.

De fato, a implantação do Muhpan permitiu que a região ganhasse mais visibilidade cultural, porém, além disso, percebe-se que, se não fosse a criação do Museu e a intenção de preservar a história da região, importantes patrimônios do Pantanal poderiam ser esquecidos, ou até mesmo perdidos, ainda mais com as aceleradas transformações contemporâneas que atingem nossa maneira de pensar e agir. Nesse sentido, o Museu se revela um importante vetor de afirmação de identidades sociais.

## REFERÊNCIAS

- ANCINA, Alexandra Santana de Campos. **Alexandra Ancina**. Entrevista IV. [ago. 2014]. Entrevistador: Lilian Santos da Silva Fontanari. Corumbá, 2014. 1 arquivos. amr (1h13min.)
- AQUIDAUNA NEWS. **Pantanal ganha museu para preservar 8 mil anos de história**. Disponível em: <[http://www.aquidauananews.com/index.php?action=news\\_view&news\\_id=131688](http://www.aquidauananews.com/index.php?action=news_view&news_id=131688)>. Acesso em 23 de março de 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. 2ªed. São Paulo: UNESP, 2009. p.13-22.
- BORGES, Juliano. **Juliano Borges**. Entrevista II. [jul. 2014]. Entrevistador: Lilian Santos da Silva Fontanari. Corumbá, 2014. 2 arquivos. amr (1h16min.)
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A Museologia como uma Pedagogia para o Patrimônio. In: **Ciências e Letras - Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**. nº 31, Porto Alegre, 2002. p.87-97.
- CHAGAS, Mário de Souza. MEMÓRIA E PODER: dois movimentos. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, nº 19, 2002. p. 43-81.
- CORRÊA, Lúcia Salsa; CORRÊA, Valmir Batista (org). *A História do Pantanal contada pelo Muhpan*. Mato Grosso do Sul, 1ª ed., 2013. 64p.
- CORRÊA, Lúcia Salsa (org). *Um portal de Educação Patrimonial - Material de Apoio ao Professor Visitante*. Mato Grosso do Sul, 2013. 37p. [Material de apoio ao professor do Museu de História do Pantanal].
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Tradução comentada de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100p.
- ETCHEVARNE, Carlos. *Projeto expográfico do Museu de História do Pantanal*, 2004. 77p.
- FIGURELLI, Gabriela. **Desenvolvimento do público interno**. Uma proposta de metodologia para um programa educativo direcionado aos funcionários de museu. 2013, 217p. Tese (Doutorado) - Departamento de Museologia, Lusófona, Lisboa, 2013.
- \_\_\_\_\_. O público esquecido serviço educativo: estudo de caso sobre um programa educativo direcionado aos funcionários de museu. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, nº 44, cap. I, 2012. p. 37-64.
- FONSECA, Maria Célia Londres. **O Patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 298p.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967. 150p.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio**: Museu de arte e escola - Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. 131p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: Utilização dos Bens Culturais como Recursos Educacionais. In: **Cadernos do CEOM**. Chapecó: Argos, 2000. p.159-180. Disponível em: <[http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4\\_tutores/estudos\\_sociais/materiais/educacao\\_patrimonial.pdf](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4_tutores/estudos_sociais/materiais/educacao_patrimonial.pdf)>. Acesso em: 05 jun 2014.

HAIGERT, Cynthia Gindri. Memória: do individual ao coletivo. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org.). **Educação Patrimonial**: perspectivas. Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Santa Maria: UFSM, 2005. p. 85-110.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto Histórico Artístico e Nacional, Museu Imperial, 1999, 68p.

IPHAN. **Conjuntos urbanos tombados: Corumbá**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=18207&retorno=paginaIphan>>. Acesso em 07 de Abril de 2014.

MAGALHÃES, Aline Montenegro; RAMOS, Francisco Régis Lopes. De objetos a palavras. Reflexões sobre curadoria de exposições em Museus de História. In: **Cadernos de diretrizes museológicas 2**: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 50-71.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus**: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. 2011, 390p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, USP, São Paulo, 2011.

MENESES, Ulpiano. A Problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, n.1, 1993. p. 207-309.

\_\_\_\_\_. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciência e Letras - Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**. Porto Alegre, n. 27, jan./jun. 2000. p. 91-101.

\_\_\_\_\_. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. História e Cultura Material. São Paulo, n. s., 2, 1994. p. 9-42.

MUHPAN. **O edifício**. Disponível em: < <http://www.muhan.org.br/omuseu/edificio.htm>>. Acesso em 20 setembro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Plano Museológico Muhan 2010-2013** - Museu de História do Pantanal. Mato Grosso do Sul, 2010. 37p. [Consultoria especializada da Fundação Biótica].

PAIXÃO, Ortiz Roberto. **Globalização, Turismo de Fronteira, Identidade e Planejamento da Região Internacional de Corumbá/MS**. 2006, 182p. Tese (Doutorado) - Departamento de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, São Paulo, 2006.

POHL, Angelo Inácio. Patrimônio Cultural e Representações. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org.). **Educação Patrimonial: perspectivas**. Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Santa Maria: UFSM, 2005. p.63-84.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p.200-215.

POMIAN, Krzysztof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, ed. 42, 2000. p. 507-516.

RIBEIRO, Karina de Azevedo. **Karina Ribeiro**. Entrevista IV. [ago. 2014]. Entrevistador: Lilian Santos da Silva Fontanari. Corumbá, 2014. 1 arquivos. amr (1h13min.)

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos**. Reflexões sobre museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008. 256p. (Coleção Museu, Memória e Cidadania, 4).

\_\_\_\_\_. **Museu e educação: conceitos e métodos**, 2002a. 17p. [Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto].

SANTOS, **Marta Barros Santos**. Entrevista I. [jul. 2014]. Entrevistador: Lilian Santos da Silva Fontanari. Corumbá, 2014. 1 arquivo. amr (36min.)

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Políticas da Memória na Criação dos Museus Brasileiros. In: **Cadernos de Sociomuseologia**: Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias v. 19, n. 19, 2002b. p. 115-137.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos; CHAGAS, Mário de Souza. A linguagem de poder dos museus. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myriam Sepúlveda dos (orgs.). **Museus, Coleções e Patrimônios: Narrativas Polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007. p. 12-19.

SILVA, Ketylen. **Ketylen Karine Santos da Silva**. Entrevista III. [ago. 2014]. Entrevistador: Lilian Santos da Silva Fontanari. Corumbá, 2014. 1 arquivo. amr (1h05min.)

SILVA, Marta Pereira da; *et al.* Distribuição e quantificação de classes de vegetação do Pantanal através de levantamento aéreo. **Rev. bras. Bot.**, São Paulo, v. 23, n. 2, jun. 2000. p. 143 - 152. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-84042000000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-84042000000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 nov. 2014.

STRAUSS, Claude Lévi. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 408p.



## **APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO**

**Prezada Sr<sup>a</sup> Maria Verônica Sáfadi Nogueira**

Presidente da Fundação Barbosa e Rodrigues

Meu nome é Lilian Santos da Silva Fontanari. Sou natural de Corumbá, MS, mas atualmente resido em Porto Alegre, RS. Neste ano, estou concluindo o curso de Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Em fevereiro deste ano visitei o Muhpan e pude constatar a importância do Museu e sua riqueza nas exposições e acervo, que tratam de vários aspectos da história do Pantanal. Pude também conversar com alguns educadores e conhecer alguns dos projetos realizados pela Instituição, o que me despertou grande interesse em realizar meu trabalho de conclusão sobre o Muhpan.

Gostaria, desta forma, solicitar a sua autorização, para realizar esta pesquisa, que pretende focar na dimensão educativa da Instituição. Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos necessários. Informo que, pretendo realizar nova visita ao museu em Junho ou Julho deste ano e, que ao final da pesquisa, comprometo-me a encaminhar cópia do trabalho ao Museu e, dependendo do interesse, apresenta-lo pessoalmente aos senhores.

Agradeço, desde já pela atenção, despedindo-me cordialmente.

Lilian Santos da Silva Fontanari

Graduanda em Museologia – UFRGS

Endereço eletrônico: [lilianfontanari@gmail.com](mailto:lilianfontanari@gmail.com)

Telefone celular (51) 8144-4614

**APÊNDICE B - CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO****CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo: **UM PANTANAL INUNDADO DE MEMÓRIAS: Análise das ações e do caráter educativo do Museu de História do Pantanal (Muhpan), Corumbá, MS, Brasil**, como sujeito colaborador. ( ) Permitindo que meu nome verdadeiro seja citado. ( ) Não permitindo que meu nome verdadeiro seja citado. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Lilian Santos da Silva Fontanari sobre a pesquisa e seus procedimentos. Recebi uma cópia do termo.

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura

## APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, NOME E DEMAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

\_\_\_\_\_, brasileiro, maior, portador (a) da cédula de identidade – RG nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF/MF sob o nº \_\_\_\_\_ residente e domiciliado (a) na \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, Estado de \_\_\_\_\_, CEP: \_\_\_\_\_, doravante denominado (a) CEDENTE, AUTORIZA a utilização e veiculação de sua imagem, voz, nome e demais características físicas pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, inscrita no CNPJ/MF sob o....., com sua sede na Avenida Paulo Gama, 110, Porto Alegre, RS, ora designada UFRGS, o pleno direito de gravar e utilizar sua imagem, voz, nome e demais características físicas em ambientes internos ou externos, ora denominada OBRA, pela participação no Projeto e Trabalho de Conclusão de Curso “Um Pantanal inundado de memórias: análise das ações e do caráter educativo do Museu de História do Pantanal (Muhpan), Corumbá, MS, Brasil”, coordenado pela Profª. Ana Carolina Gelmini de Faria, consoante as gravações a serem realizadas em \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, Estado do Mato Grosso do Sul. A UFRGS poderá utilizar a OBRA, de forma gratuita e definitiva, por prazo indeterminado e sem limitação de vezes, em todo o território nacional e no exterior, em quaisquer idiomas, sem intuito comercial, pelas emissoras de rádio e televisão (aberta e fechada), que transmitam ou retransmitam a sua programação, também a livre utilização por meio de satélites ou cabos, cinemas, internet, emissões, recepções, transmissões, retransmissões ou repetições em emissoras radiodifusoras, revistas, prospectos, periódicos em geral, outdoors, banners, cartazes, além de outras mídias que existam na data de assinatura deste instrumento ou que venham a ser inventadas. A UFRGS ou quem esta vier indicar poderá utilizar, fruir e dispor de sua imagem, voz, nome e demais características físicas como melhor lhe aprouver, inclusive sob as modalidades de produção, reprodução parcial ou integral; fixação, edição; adaptação, quaisquer outras transformações; inclusão em fonograma ou produção audiovisual; distribuição por qualquer modo, podendo ser produzida, reproduzida, gravada ou fixada em quaisquer suportes tangíveis ou intangíveis, tais como Compact Disc (CD), CD-Rom, DVD, Fita Betacam, audiobook, MP3, MP4, Blu-Ray e por quaisquer outras modalidades existentes ou que venham a ser inventadas. Podendo ainda realizar qualquer tipo de contratação, concessão, cessão ou autorização sobre o presente termo, desde que relacionada com a pesquisa em referência. Essa autorização é feita de forma irrevogável e irretratável, obrigando as partes, seus herdeiros e sucessores, a respeitarem integralmente as condições aqui estipuladas. Fica eleito o Foro da Justiça Federal em Porto Alegre, RS, para dirimir eventuais questões deste Termo de Autorização. , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

\_\_\_\_\_  
Nome legível

## APÊNDICE D - ROTEIRO PARA A COORDENADORA DO SETOR DE AÇÃO EDUCATIVA E CULTURAL DO MUHPAN:

- 1) Qual é a sua formação e como se deu sua inserção no setor de coordenação das atividades educativas do Museu?
- 2) Para você, o que é educação em museus?
- 3) Quais são os objetivos da atividade denominada *visita animada*, realizada nas salas expositivas: Trem do Pantanal, Guerra do Paraguai e Comissão Rondon?
- 4) Quais são os objetivos das atividades denominadas *museaula* e *cheia de letras*, em especial, na sala expositiva Os dez pantanais?
- 5) Existe um roteiro para a realização das visitas animadas? Em caso afirmativo, quem monta o roteiro? Nesta atividade, todos os objetos das salas são contemplados?
- 6) Nos documentos institucionais disponibilizados pelo Museu, existe um planejamento de atividades referentes a datas comemorativas, como por exemplo, 5 e 11 de junho (dia do Meio Ambiente e dia da batalha do Riachuelo). Como essas atividades são realizadas? Quais são os objetivos? Porque essas datas? Além de pontual, essas atividades também são recorrentes?
- 7) Como se dá o planejamento e a execução da atividade denominada museaula, em especial, nas exposições Os dez Pantanais, Trem do Pantanal, Guerra do Paraguai e Comissão Rondon?
- 8) Qual é o público potencial do Museu e com que frequência acontece, para os demais públicos, as atividades oferecidas pelo Muhpan? Essas ações, independentes do público, acontecem sempre da mesma forma ou dependendo do público as atividades são realizadas de modo diferenciado?
- 9) Nos materiais impressos, há sempre destaque na Educação Patrimonial. Como o setor define a Educação Patrimonial e como esta se desenvolve nas ações propostas, em especial, nas exposições Os dez Pantanais, Trem do Pantanal, Guerra do Paraguai e Comissão Rondon.
- 10) Qual é a função dos educadores do Muhpan e como se dá o processo de seleção desse grupo?
- 11) Existe alguma formação para os educadores antes de iniciarem o trabalho com o público? Há algum acompanhamento do trabalho dos educadores?
- 12) O Museu trabalha com alguma ferramenta de avaliação das atividades desenvolvidas na Instituição? Quais são e quais os objetivos?
- 13) Você gostaria de abordar algum outro assunto que considera importante?

**APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCADORES DO MUSEU:**

- 1) Qual é a sua formação e como se deu sua inserção no Muhpan? Você acha que a sua formação contribuiu com o trabalho de educador de museu?
- 2) Para você, o que é educação em museus?
- 3) Ao entrar para a equipe de educadores do Museu, você recebeu alguma formação antes de iniciar o trabalho com o público? Você já trabalhou como educador anteriormente?
- 4) Para você, qual é o papel do educador no museu?
- 5) Você se vê como educador de museu? Em caso afirmativo, o que te faz perceber como educador?
- 6) Os educadores têm autonomia para sugerir ou implantar atividades de ação educativa na Instituição? Você já sugeriu e/ou desenvolveu alguma atividade no Muphan? Qual? Como foi essa experiência?
- 7) Como se dá a execução da atividade Cheia das Letras na sala expositiva Os dez Pantanaís?
- 8) Como se dá a execução da atividade denominada Museaula, em especial, nas salas expositivas Os dez Pantanaís, Trem do Pantanal, Guerra do Paraguai e Comissão Rondon?
- 9) Como são planejadas e realizadas as mediações no Muhpan, em especial, nas exposições Os dez Pantanaís, Trem do Pantanal, Guerra do Paraguai e Comissão Rondon?
- 10) Em relação às visitas animadas, qual é o planejamento e a execução desta atividade? Os educadores utilizam algum roteiro? Como se deu a escolha dos personagens? É realizado algum rodízio para interpretação dos personagens?
- 11) Com que frequência acontece reuniões entre a equipe de educadores e a coordenação do setor educativo? Nestas reuniões, é realizada avaliações das mediações, e das atividades no Museu?
- 12) Você gostaria de abordar algum outro assunto que considera importante?

## ANEXO A - ORGANOGRAMA DO MUHPAN

